NOVAFCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Produção Televisiva em Informação na SIC

Ana Rita Fernandes de Pádua

Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da Comunicação - Cinema e Televisão

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Março 2024

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação – Cinema e Televisão realizado sob a orientação científica do professor Jacinto Rosa Godinho e coorientação do professor Luís Gouveia Monteiro.

À Newsdesk,

Que vos dêem reconhecimento pela dedicação incansável que dão todos os dias à profissão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, professor Luís Gouveia Monteiro e professor Jacinto Godinho, pelo apoio e orientação durante o estágio e a redação deste relatório. Por, desde o primeiro momento, acreditarem em mim e nas minhas capacidades e puxarem por mim.

Aos meus pais, pelo investimento incansável e palavras de segurança, pela validação que surgiu sempre quando a academia não a oferecia.

À Eva, ao Francisco e à Susana, com quem partilhei dores, cansaços e devaneios, e que compreendem melhor do que ninguém o processo da escrita de uma dissertação e o que exige de nós. À Liliana, que serviu de revisor autónoma, e que sempre se disponibilizou para oferecer um olhar simultaneamente crítico e bondoso. À Isabel, que foi a primeira a garantir a presença na minha defesa. Ao meu Francisco, por tudo.

À equipa da Newsdesk, em especial à Vanessa Rocha e à Mónica Pinto, que me acolheram e orientaram de braços abertos e garantiram que tinha na SIC uma segunda casa. À Ana Alves, Marta Barreiro, Sónia Branco, Catarina Jesus, Sofia Sérgio, Sofia Martins, Anabela Bicho, Beatriz Santos, Catarina Delgado, Diogo Amador, Cátia Martins, Daniel Sabino e Ana Araújo, porque uma equipa incansável e dedicada como a que tive o prazer de integrar merece reconhecimento nos nomes e nos atos. Por continuamente provarem que a produção é imprescindível para o funcionamento da televisão – e a melhor equipa.

Ao André Antunes, que me encaminhou para o sítio certo.

À minha família e amigos, que me tornaram na pessoa em que sou hoje, e sem os quais não teria acabado este mestrado. E a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, tiveram mão no meu percurso pessoal e académico, mesmo que os nossos caminhos se tenham deixado de cruzar, entretanto.

PRODUÇÃO TELEVISIVA EM INFORMAÇÃO NA SIC

[Television Production in Information at SIC]

ANA RITA FERNANDES DE PÁDUA

RESUMO

A televisão é um *medium* em constante evolução, com diversas potencialidades estéticas, políticas, culturais e sociais. Engloba diversas equipas, desde a realização à produção, e diversos géneros. Esses géneros surgem como promessas de um programador para um espectador com conhecimento televisivo. A produção de informação televisiva é um subgénero da produção televisiva, que adquire características distintas dependendo do género que produz. Na Sociedade Independente de Comunicação (SIC), a produção de informação desempenha funções técnico-sociais, tendo um papel fundamental na mediação dos processos que estão por detrás da emissão jornalística e operando em zonas de sombra com os outros intervenientes do processo jornalístico. É fundamental compreender as nuances e ambiguidades da produção de informação para compreendermos a televisão enquanto meio multimodal, que alberga diversos tipos de espectadores e se desdobra em cada vez mais ecrãs. Este relatório de estágio, sobre a experiência em Produção de Informação na SIC, propõe-se ao desenho da função, pouco investigada de um ponto de vista académico em Portugal, e à problematização de temas centrais como a banalização do direto, o confronto entre a autoridade do produtor e a zona de "sombra" em que opera, e as possibilidades tecnológicas como fator principal de mudança da televisão e da função produtora. O produtor de informação revela-se como um operador de interfaces, entre a tecnologia e o discurso, o exterior e o interior, as fronteiras de género, e o jornalista e o espectador. É através da compreensão e maximização dos processos de produção que é possível estudar e controlar o produto televisivo, fruto de uma máquina televisiva imprevisível e em constante mutação.

PALAVRAS-CHAVE: Produtor; Informação; SIC; Produção de Informação; Televisão; Mediação; Zona de Sombra; Processos; Operador de Interfaces;

ABSTRACT

Television is a medium in constant evolution, with multiple estetical, political, cultural and social possibilities. It entails multiple teams, from direction to production, and multiple genres. These genres represent promises from the broadcaster to the televisual-knowledged spectator. Television news production is a subgenre of television production, which has different characteristics depending on the genre it produces. At Sociedade Independente de Comunicação (SIC), the news producer has both technical and social functions, with a fundamental role in mediating the processes that are at the core of journalistic broadcasting and operating in "gray areas". It is fundamental to understand the nuances and ambiguities of news production in order to understand television as a multi-modal medium that welcomes multiple types of spectators and branches out into more and more screens. This dissertation about my experience at an internship in News Production at SIC proposes a sketch of the profession, underinvestigated from an academic point of view in Portugal, and a problematization of central themes such as the "overuse" of the live view, the juggling between producer authority and their "gray" areas of operation, and the technological possibilities as a main factor of change in television production. The news producer reveals itself to be an interface operator, between technology and discourse, between the exterior and the interior, between the borders of genre, and between the journalist and the spectator. It is by understanding and maximizing the production processes that we can study and control the television product, which results from an unpredictable television machine that is in constant mutation.

KEYWORDS: Producer; Information; SIC; News Production; Television; Mediation; Gray areas; Processes; Interface operator;

Lista de Abreviaturas

SIC - Sociedade Independente de Comunicação

TVI - Televisão Independente

RTP - Rádio e Televisão de Portugal

CMTV - Correio da Manhã TV

PJ - Primeiro Jornal

JN - Jornal da Noite

ENPS - Electronic News Production System

HIVE/Proxy Editor - Media Backbone Hive

MOS - Media Object Server

PCNELID - Programa Cujo Nome Estamos Legalmente Impedidos de Dizer

FTP - File Transfer Protocol

CNL - Canal de Notícias de Lisboa

DI - Direção de Informação

Índice

Introdução..... 8
1. Produtor de Informação: uma função desconhecida..... 9
1.1. O backstage da produção noticiosa..... 11
1.2. A evolução do contexto televisivo..... 12
1.2.1. Do analógico para o digital..... 14
1.2.2. Fragmentação das audiências e o novo perfil do espectador..... 15
2. SIC - Sociedade Independente de Comunicação..... 17
2.1. A entidade..... 17
2.2. A redação e o alinhamento..... 19
2.3. A função: produção de informação..... 21
2.3.1. Produtor de informação, produtor editorial..... 22
2.3.2. Responsabilidades..... 23
2.4. As repercussões do ciberataque..... 27
2.5. As audiências..... 28
3. Estágio na SIC..... 31
3.1. Tipos de Produção..... 31
3.1.1. Produção de informação diária..... 31
3.1.1. Produção de Cultura..... 33
3.1.2. Produção de Desporto..... 34
3.1.3. Produção de Política..... 35
3.2. Casos Práticos..... 36
3.2.1. Produção à “beira de guerra”..... 36
3.2.2. A “Hora de Ponta” do Primeiro Jornal e a antecipação do Jornal da Noite..... 37
3.2.3. O “festival do direto”..... 39
Considerações Finais..... 41
Referências bibliográficas..... 44
Anexos..... 47
Anexo I. Linguagem própria da redação..... 47
Anexo II. Entrevista a Vanessa Rocha..... 48
Anexo III. Organização da equipa televisiva: norte-americana vs. na SIC..... 52
Anexo IV. Folha de Satélites no ENPS..... 53
Anexo V. Master no ENPS..... 54
Anexo VI. Alinhamento da SIC Notícias no ENPS..... 55
Anexo VII. Planning no ENPS..... 56

Introdução

O presente relatório de estágio tem como objetivo relatar e refletir a experiência de estágio vivida na produção de informação da redação da SIC generalista e da SIC Notícias[1], consagrando 400 horas práticas e um diário de estágio repleto de material rico para reflexão.

A SIC - Sociedade Independente de Comunicação é um dos principais canais televisivos generalistas portugueses. É social, cultural e academicamente importante compreender como funciona um canal televisivo de tamanha importância nacional e internacional. No âmbito dessa procura de compreensão, surgem diversas figuras fundamentais que estão na base desta máquina televisiva. Entre essas figuras, surge o produtor de informação, cujo papel, como se procura demonstrar neste relatório, é imprescindível ao funcionamento da SIC.

O relatório desdobra-se, num primeiro capítulo, na tentativa de desenhar o perfil da produção televisiva, concretamente, do produtor de informação, ao encargo do género informativo audiovisual. Procura integrar-se esta figura do produtor dentro da máquina holística da televisão portuguesa, bem como compreender a evolução do contexto televisivo e de que forma novos conceitos e géneros influenciam a produção televisiva.

Num segundo capítulo, procede-se a uma caracterização da entidade acolhedora do estágio, a SIC, bem como de elementos intrínsecos que influenciam o seu funcionamento, nomeadamente, a estrutura da redação, o alinhamento e o papel das audiências. Ainda neste capítulo, descreve-se o papel do produtor de informação e as tarefas que lhe competem, distinguindo-o da função de produtor editorial, com o qual tem linhas comuns.

No último capítulo, caracterizam-se os diversos tipos de produção da SIC Notícias, e o estudo de casos práticos que têm como fonte a experiência de estágio. Procura-se avaliar de forma global a produção de informação na redação da SIC e problematizar o papel da produção televisiva no panorama português, com o objetivo de incentivar a uma maior reflexão sobre uma das funções fundamentais a qualquer tipo de criação audiovisual, especialmente no âmbito da televisão. Ainda, procura-se demonstrar que, dada a imprevisibilidade dos resultados, é necessário maximizar os processos - que, pela sua natureza, são responsabilidade do produtor de informação.

[1] A SIC enquanto entidade desdobra-se na SIC Generalista (Canal 3) e na SIC Notícias. A redação da SIC engloba a programação da SIC Notícias e a programação do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite da SIC Generalista. Tratando-se de dois canais distintos, existirá, ao longo deste relatório, uma segmentação entre ambos.

1. Produtor de Informação: uma função desconhecida

A produção televisiva cobre diversos géneros televisivos: desde a ficção, à informação e aos géneros híbridos, como o *reality show* e o *infotainment*. Cada género e respectivos subgéneros têm o seu objetivo específico, assim como um sistema interno de estado, prestígio, valores e forma de ver o mundo (Tunstall, 1993, p. 3). O produtor, neste âmbito, surge como uma figura equiparada ao homem renascentista: "O produtor idealmente será bom tanto com palavras como com imagens, os dois principais blocos construtivos da televisão" (Tunstall, 1993, p. 6). Para além de precisar de conhecimentos técnicos e de tecnologia televisiva, é um especialista do género e uma figura diplomática, capaz de resolver qualquer problema (Tunstall, 1993). Joseph Maar (Owens, 2019, p. 15) afirma que o produtor (norte-americano) tem a palavra final em tudo o que importa. Ao contrário da figura do produtor na televisão americana (Owens, 2019), o produtor europeu é uma figura subalterna, que opera dentro de um regime hierárquico no qual quem detém o poder de decisão é a direção (Tunstall, 1993)[2]. Também Adelino Gomes (2012) identifica que, na SIC, o poder editorial é atribuído aos diretores de informação, em específico nas conferências de redação (posteriormente designadas de reuniões de planeamento). O produtor de informação está sempre em estrita relação com as chefias de informação. É importante a distinção entre um produtor televisivo e um produtor cinematográfico, cujas responsabilidades e perfil são distintas, apesar de possuírem bases comuns, em Portugal. O produtor cinematográfico escolhe e coordena a equipa criativa, tem o parecer final sobre o produto criativo e preocupações sobretudo logísticas e financeiras (Sousa, 2011). Já o produtor de informação, apesar de ter preocupações logísticas, sentido de organização apurado e funções de coordenação em determinados casos, possui uma tendência de subalternização e assistência, não tendo a última palavra no produto jornalístico.

O produtor de informação surge associado ao género noticioso, de produção jornalística para a televisão. Tunstall (1993) caracteriza o produtor da televisão britânica como o "diretor geral" (p. 204), que toma decisões relativamente à cobertura de grandes eventos, dá *inputs* emocionais e orienta os repórteres em direto. Em Portugal, nos grandes canais generalistas, nos quais se inclui a SIC, esta figura é o coordenador, ele próprio jornalista; o produtor de informação tem características diferentes.

[2] No Anexo III., apresento a organização de uma equipa televisiva como descrita por Owens (2019) e proponho a organização equivalente da equipa televisiva na SIC, em Portugal.

Nesse sentido, então, em Portugal, existe uma escassez de bibliografia sobre a função da produção de informação. O foco é sobretudo no ato de produção noticiosa, que diz respeito ao cargo de jornalista, substancialmente distinto do de produtor de informação. Enquanto o jornalista produz conteúdo noticioso de forma escrita ou audiovisual, o produtor de informação garante essa produção, através de mecanismos técnicos e sociais. Enquanto um se responsabiliza pelo produto final, o outro tem um papel-chave na pré-produção e na produção do produto jornalístico. Também é uma figura distinta do coordenador, um jornalista que vem da redação e a quem é requerido possuir Carteira Profissional de Jornalista[3]. Na SIC, os produtores de informação não são obrigados a possuir esta carteira, apesar de alguns optarem por a ter. Na bibliografia de origem europeia e norte-americana (Adams, 2007, Silcock, 2002, Warner, 1969, citado por Becker & Vlad, 2008, Tunstall, 1993, *e.g.*), o produtor da televisão de informação corresponde ao coordenador português: "a figura mítica do *gatekeeper*" (Gomes, 2012, p. 70), que opera decisões editoriais antes e durante a emissão do telejornal. Neste sentido, nem a bibliografia norte-americana nem a europeia se aplicam ao caso português.

Adelino Gomes desenvolveu, em 2012, um projeto de investigação, posteriormente publicado em livro, que denominou "Nos Bastidores dos Telejornais". Em termos de compreensão e investigação das redações de televisão portuguesas, Gomes oferece uma sistematização e reflexão sobre o funcionamento dos três canais generalistas principais (RTP[4], SIC e TVI[5]). A produção de informação é mencionada frequentemente, através do termo *Desknews*, que classifica como sendo o "equivalente ao secretariado de redação de um jornal ou de uma rádio" (Gomes, 2012, p. 191), mas as próprias conclusões e rotinas estão ultrapassadas em algumas medidas, pelo que, embora ofereça *insights* valiosos e que complementam bem a proposta deste relatório, é preciso fazer uma recontextualização e atualização das suas conclusões. Atualmente, o nome dado ao local de trabalho da produção de informação, na SIC, é Newsdesk.

[3] A Carteira Profissional de Jornalista é atribuída pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ) aos jornalistas que estejam num órgão de comunicação social legalmente reconhecido. A correspondentes, equiparados a jornalistas e colaboradores da área informativa dos OCS, quando por eles requerida, é atribuído um Cartão de Jornalista. Enquanto para um jornalista trabalhar numa redação é obrigatória a posse da Carteira ou Cartão, um produtor de informação (ou outros colaboradores) não tem essa obrigatoriedade.

[4] Rádio e Televisão de Portugal.

[5] Televisão Independente.

A figura do produtor de informação está presente em todas as estações televisivas. É através da produção que, à parte das chefias, as estações comunicam entre si, para cederem material jornalístico, imagens ou sinais em direto, por exemplo, como via de pouparem recursos.

Este relatório de estágio propõe-se ao desenho de um guia compreensivo da função de produtor de informação, com o delinear das suas diversas tarefas e responsabilidades, bem como o relato descritivo de diversas situações que são simultaneamente frequentes e incomuns no quotidiano do produtor.

1.1. O backstage da produção noticiosa

A produção televisiva, que tem como objetivo a criação de um produto audiovisual, envolve diversos elementos e equipas, que têm de funcionar de forma oleada para obter bons resultados. Pensemos na produção televisiva (e noticiosa) como uma máquina holística, que requer as figuras do jornalista, do produtor, do coordenador, do editor, do grafista, do diretor de informação, etc., em constante colaboração. Adams (2007) pensa a relação entre os coordenadores e os produtores - no âmbito deste relatório, a relação de maior importância - da seguinte forma: "A relação entre estes dois tipos de profissões é simbiótica-uma não pode ter sucesso sem a participação e envolvimento da outra." (p. 352). Trata-se de uma comunicação "horizontal" (Adams, 2007) que tem de ser aplicada a todas as relações dentro da máquina de produção televisiva.

O produto final da televisão noticiosa pode ser pensado a vários níveis: a peça televisiva, a edição[6] de um noticiário, ou até o alinhamento diário do canal. Em qualquer um desses níveis, revela-se fundamental a compreensão do processo de formação desse produto. O *backstage* da produção noticiosa que tem como finalidade ser divulgada num meio televisivo é de extrema importância para o estudo da produção e das funções que dela derivam.

Nas fichas técnicas no final do telejornal constam diversos nomes, mas são apenas uma percentagem reduzida da equipa que está por detrás do produto jornalístico. No seu processo de formação, existem etapas e uma cadeia de efeitos (que pode ser mais ou menos linear). Desde a ideia da peça (que pode chegar por diversas fontes, nomeadamente pela

[6] Considera-se edição o bloco horário, cf. p. 16 deste relatório.

Agenda da SIC ou por outros canais relevantes) até ao seu desenvolvimento, captação, montagem e revisão. Quando o produto jornalístico vai para o ar, já passou, por norma, por várias mãos. Presente em todas as etapas, de maneira direta ou indireta, surge a figura do produtor de informação.

1.2. A evolução do contexto televisivo

A televisão é um fenómeno que está em constante evolução e longe de terminar. Desde os seus primórdios até à atualidade, existem diversos fatores que influenciam a sua transformação, tanto sociais e culturais como tecnológicos e políticos. Stanley Cavell (1982, citado por Shuster, 2017, p. 2) defendia que a televisão enquanto *medium* tinha de ter mais possibilidades do que as que tinha mostrado até então. Shuster (2017) propõe, em *New Television: The Aesthetics and Politics of a Genre*, um novo "modo" (p. 170) da televisão, que englobaria diversos géneros, ao qual chama *New Television*. Este novo modo televisivo é caracterizado por potencialidades estéticas e políticas, que, segundo Shuster, não se inseriam no paradigma televisivo estabelecido. Utiliza este modo para caracterizar séries televisivas como *The Wire*, mas a sua proposta é que este conceito se estenda para além do género ficcional (Shuster, 2017, p. 5). Defende, assim, uma televisão multimodal e multigénero, que procura apresentar novas maneiras de pensar e possibilidades a que poderíamos não ter acesso (Shuster, 2017). Esta multimodalidade entende-se como uma convergência dos *media* que procura satisfazer diversos perfis de espectadores com diversos regimes de atenção: seja uma visualização da televisão enquanto produto ouvido, como "barulho de fundo", seja através da imersão no ecrã que estimula os vários sentidos, etc. Dentro deste novo tipo de televisão, podemos pensar no jornalismo televisivo enquanto um género que, atualmente, é dotado destas potencialidades estéticas e políticas.

É na caracterização dos géneros que encontramos também a diferenciação entre os diversos tipos de produção audiovisual. A ficção, o documentário, a informação e a *reality TV, e.g.*, implicam um tipo de produção distinta. Para situarmos o objeto deste relatório (a função de produção de informação), é relevante abordarmos o conceito de promessa de género (Jost, 1998), do qual deriva uma "promessa" de modo de agir (promessa esta que nem sempre é cumprida).

O género televisivo surge como um pacto entre o programador (no contexto deste relatório, a estação televisiva) e o espectador: conceitos fundamentais para o trabalho da produção, uma vez que o espectador se manifesta e influencia a estação televisiva através de telefonemas, *ratings* de audiências, reações em meios de publicação, etc. (Jost, 1998, p. 102). Os espectadores têm expectativas e fazem determinadas inferências conforme o género que esperam consumir (Jost, 1998). É quase uma "dança" entre as motivações do programador, que opera escolhas relativamente ao que oferece e utiliza o género para atingir preocupações comerciais, filiando um programa a um determinado género, e as expectativas do espectador que, com a sua cultura televisiva, infere relativamente aos modos de produção, enunciação, tipos de fluxo televisivo, etc. (Jost, 1998).

No que diz respeito à informação e ao jornalismo televisivo, existem dois tipos de fluxos televisuais que geram diferentes expectativas. Por um lado, a cobertura ao vivo (fruto do direto), que é um fluxo que vai de mãos dadas, linearmente, com o fluxo do mundo (Jost, 1998, p. 109), apresenta-se como um fluxo não mediado ou reduzido ao enquadramento da imagem, numa "promessa de autenticidade" (Jost, 1998). Já a cobertura programada, abandona o registo "afílmico" para integrar o registo "profílmico", em que é operada uma organização intencional do visível (Jost, 1998). O género informativo, mesmo pressupondo a objetividade supostamente característica do jornalismo, não deixa de criar um ponto de vista humano: através da captação, edição, linhas editoriais, etc. (Jost, 1998). O produtor, à partida, pela sua própria denominação, deveria ter um papel fundamental na criação deste ponto de vista. Segundo Vanessa Rocha, Coordenadora Adjunta da Produção de Informação na SIC, o produtor produz peças jornalísticas para os jornalistas, que permitem que o jornalista chegue ao local e já tenha o material encaminhado. Para além disso, o registo profílmico surge também na gestão de diretos e de marcação de serviços, através das reuniões de planeamento, que trabalham para criar uma programação organizada para o espectador.

A experiência de estágio que relato nos próximos capítulos vem confrontar a intervenção do produtor no profílmico e as zonas de sombra que colocam em causa o seu papel na criação de um ponto de vista.

Da longa cadeia de acontecimentos que caracterizam a evolução da televisão e do contexto da produção televisiva, a passagem do analógico para o digital, a fragmentação das audiências e a emergência de um novo perfil do espectador são os eventos que, no contexto

deste relatório, mais influência têm na maneira como a produção de informação, em Portugal, funciona.

1.2.1. Do analógico para o digital

O advento do digital veio revolucionar a maneira como se faz produção televisiva. Das câmaras de película passámos a câmaras digitais, dos suportes físicos aos computadores. As imagens e os sons passaram a existir em formato digital e o seu tratamento também se digitalizou: imperam os servidores de vídeo, os discos magnéticos e óticos (em vez das cassetes de vídeo) e as ligações em rede (Canela et al., 2017). No domínio jornalístico, isto trouxe a grande vantagem do aumento da rapidez de produção noticiosa (Musburger & Kindem, 2004):

> Tal como a filmagem e a edição analógicas ofereceram vantagens significativas aos filmes noticiosos nos anos 70, instrumentos de gravação e edição digitais oferecem, hoje em dia, potenciais vantagens em relação à gravação e edição analógicas de histórias noticiosas. (p. 39).

Os jornalistas acedem facilmente às suas *timelines* de trabalho, aos *feeds* das agências noticiosas e ao arquivo, e os coordenadores também podem "acompanhar o desenvolvimento da construção" das peças noticiosas (Canelas et al., 2017, p. 26).

No que diz respeito aos sistemas de produção da televisão enquanto corporação, existiram alterações tecnológicas, do domínio analógico-digital, que, em Portugal, moldaram a maneira como as televisões funcionam atualmente. Sobral (2012) identifica o início desta evolução em 2009, com o começo da "substituição gradual da teledifusão analógica pela nova tecnologia de difusão em sinal digital (TDT)" (p. 157), que sucedeu a TV por cabo. Para além da difusão televisiva, a evolução da televisão demarca-se pela sua expansão para o universo digital e das plataformas digitais, com vista à maior rapidez, partilha e diversidade de conteúdos. Em muitos casos, a televisão conta já com os seus próprios serviços de *streaming*, de regime não-linear, como é o caso da OPTO (SIC) e a RTP Play (RTP), *e.g.* A passagem do analógico para o digital, assim, vem potenciar uma nova não-linearidade na televisão.

Canelas et al. (2017) descrevem o conceito de "redações digitais integradas" (p. 24), que surgiram no final dos anos 90 e consistem em "sistemas digitais baseados no

armazenamento de informações (textos, gráficos, imagens, sons…) e, servidores centrais" (Canelas et al., 2017, p. 24), que permitem que o jornalista aceda ao processo de produção noticiosa no seu próprio computador. Estas redações digitais vêm baixar os custos de produção e aumentar a agilidade com que se produz conteúdo informativo (Canelas et al., 2017).

1.2.2. Fragmentação das audiências e o novo perfil do espectador

Com esta expansão da televisão (bem como com a progressiva criação de mais canais televisivos, desde a RTP, em 1935) e com a emergência dos novos *media*, verificou-se uma fragmentação das audiências. Segundo Cardoso, Vieira e Mendonça (2011, citado por Sobral, 2012), a televisão define-se atualmente por uma multiplicidade de ecrãs, onde se "difundem conteúdos idênticos mas em graus de qualidade e facilidade de acesso diferentes" (p. 154). Aos conteúdos emitidos por cabo ou satélite, juntam-se os conteúdos difundidos através do recurso ao *online*. As televisões apostam no consumo de conteúdos digitais enquanto um desdobramento das emissões televisivas e uma forma de consumir conteúdo ao ritmo do espectador (OPTO, RTP Play, SIC Notícias Online, TVI Player, etc.). Segundo Canelas et al. (2017), devido a estes fatores (surgimento das operadoras privadas, proliferação dos canais 24 horas e concorrência dos novos *media*), estamos perante um aumento considerável da produção jornalística noticiosa.

"O setor televisivo está a passar por uma fase de profundas reconfigurações, tanto no que diz respeito às dinâmicas de mercado como no que se refere aos consumos" (Canelas etl al, 2017, p. 23). Também já Sobral (2012) apontava que o contexto atual era de mudança, com uma crescente evolução tecnológica e uma "emergência de um novo perfil de espectador", aos quais se juntam a "conjuntura político-económica" (p. 154). Com a emergência da multi-modalidade dos ecrãs, Canelas et. al (2017) afirmam que parte da audiência da televisão está a optar pelos novos *media*, embora, em última análise, a televisão continue a ser uma atividade comum a "todos as classes sociais e por todos os grupos etários" (Canelas et al., p. 24).

Se, por um lado, temos uma segmentação do público e uma perda gradual de telespectadores, por outro, inversamente, temos uma concorrência cada vez maior no tipo de conteúdos a que temos acesso, seja por cabo, satélite ou *online*. Estes fatores obrigam a televisão generalista a procurar modelos apropriados e inovadores que cativem os

espectadores, de modo a manterem as suas audiências elevadas. Canelas et al. (2017) recorrem a Bourdieu para reafirmar que a televisão tem, ainda, um local central no meio noticioso: é uma "espécie de monopólio sobre a formação dos cérebros de uma parte muito importante da população" (p. 24). Assim sendo, é fundamental compreender as funções que contribuem para o seu funcionamento.

2. SIC - Sociedade Independente de Comunicação

2.1. A entidade

A Sociedade Independente de Comunicação (SIC) nasce a 6 de outubro de 1992. É a primeira operadora de televisão privada, que surge como oposição ao até então monopólio da televisão pública portuguesa - a RTP, Radiotelevisão de Portugal. Segundo Santos (2012), a RTP, era frequentemente acusada de manipular em conformidade com os interesses da classe política dirigente. Em consequência, deu-se a ascensão da SIC, em 1995, com o modelo popular de televisão, e da TVI, em 2001, com o modelo popular tablóide. Estes modelos reuniam telenovelas, programas com público e noticiários de linguagem menos formal e mais vivos (Santos, 2012).

O surgimento da SIC e, posteriormente, da TVI, vem provocar um aumento da oferta de programas, modificar a forma como se faz televisão e estabelecer uma "relação de proximidade com o telespectador" (Sobral, 2012, p. 148). A SIC nasce no seio do grupo IMPRESA, que surge anos antes com a criação do jornal Expresso.

O primeiro canal português de notícias de uma televisão generalista que está em direto 24 horas por dia surge com a SIC Notícias, que inicia a sua transmissão a 8 de janeiro de 2001. É o sucessor do canal informativo CNL - Canal de Notícias de Lisboa -, propriedade da Portugal Telecom, criado em 1999, posteriormente comprado pela SIC e transformado na SIC Notícias (Ferreira, 2021). Surge como um complemento ao canal generalista, fragmentando os conteúdos transmitidos em ambos: enquanto a informação, na SIC, se reduziu ao Primeiro Jornal (PJ) e ao Jornal da Noite (JN), sendo o resto da sua programação composta por programas de entretenimento, ficção e *infotainment*, a SIC Notícias preenche-se de blocos informativos e noticiosos, com algumas rubricas que integram a programação a partir das onze da noite. Pioneiro na sua programação, a ele seguiram-se a RTPN[7], em 2004, e, cinco anos depois, a TVI24, hoje substituída pela CNN Portugal.

Santos (2012) distingue dois modelos dentro da construção da programação televisiva: o fluxo, que engloba os noticiários, definido por material que se esgota no momento de emissão, e o catálogo, onde se inserem programas ficcionais que podem ser repetidos múltiplas vezes. Identificamos ambos os modelos na programação da SIC, sendo

[7] A RTPN foi renomeada em 2011 para RTP Informação, canal que se extinguiu com o surgimento da RTP3, em 2015. (Observador, 2015)

que, atualmente, existem dois grandes blocos puramente noticiosos com o modelo de fluxo, o Primeiro Jornal e o Jornal da Noite. Os restantes blocos, de modelo catálogo, consolidam rubricas ou programas de outro caráter. A SIC Notícias, neste contexto, esgotar-se-ia no modelo de fluxo, por ser constituída por noticiários constantes. No entanto, é de realçar a crescente interligação de ambos os modelos no canal 24 horas: após a exibição de peças no PJ e no JN, estas são reutilizadas pela SIC Notícias no decorrer dos dias seguintes. É eliminada qualquer referência temporal, para as peças poderem "sobreviver" noutros alinhamentos. Os coordenadores da SIC Notícias, quando iniciam o seu turno, consultam o *master*[8] das peças - onde se encontram disponíveis todas as peças do dia -, e operam escolhas consoante o material que podem colocar no ar. Dessa forma, apesar do caráter jornalístico e informativo, que caracteriza o modelo de fluxo, o coordenador está perante um catálogo jornalístico, cujas peças podem ser repetidas. Simultaneamente, a SIC Notícias conta também com rubricas e programas mais extensos, embora jornalísticos, que podem posteriormente ser revisionados. Assim, propõe-se um terceiro modelo híbrido, um que junta o fluxo noticioso com o catálogo das peças, que caracteriza o funcionamento da SIC Notícias.

Em 2019, após quase três décadas em Carnaxide, os estúdios de informação da SIC e da SIC Notícias mudaram de casa para o edifício do Grupo Impresa, em Paço de Arcos. A mudança de localização da redação da SIC deu origem a uma nova readaptação do canal, tanto a nível tecnológico, como a nível social. Em termos de organização, Paço de Arcos potenciou uma separação da redação em dois, ao mesmo tempo que a juntou à redação do Expresso:

> Optaram então por manter as editorias todas juntas ao lado das salas de Edição de Imagem, excetuando a editoria de Economia que se juntou à editoria de Economia do Expresso. [...] Na segunda parte da redação ficaram então as equipas do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite; as equipas da Edição da Manhã, Tarde e Noite; (Sobreira, 2019, p. 4)

Os estúdios passaram a ser maiores e a possuir a tecnologia mais recente, mas deslocaram-se para a cave. Ao pé deles, ficou a editoria de cultura e a Agenda. Os

[8] Cf. Anexo V.

trabalhadores tiveram de fazer novas formações, para aprenderem os novos sistemas tecnológicos, naquilo que foi um dos principais momentos de mudança na SIC[9].

Atualmente, mais do que a SIC ou a SIC Notícias, é o grupo IMPRESA que representa a imagem de marca da televisão privada. Elementos como o cartão de acesso à redação, os canais de atendimento e o domínio dos e-mails são identificados com logótipos e o nome do grupo.

À data da redação do presente relatório, a composição da direção de informação da SIC[10] é a seguinte:

- **Diretor Geral de Informação:** Ricardo Costa
- **Diretor de Informação SIC/SIC Notícias:** Ricardo Costa
- **Diretores Adjunto de Informação:** José Gomes Ferreira e Bernardo Ferrão
- **Subdiretores de Informação:** Marta Brito dos Reis e Patrícia Moreira
- **CEO do grupo Impresa:** Francisco Pedro Balsemão

2.2. A redação e o alinhamento

A redação da SIC situa-se no piso 0 do prédio do grupo Impresa, em Paço de Arcos. Divide o espaço com a redação da SIC Notícias e com a redação do jornal Expresso. No Porto, existe outro polo. Ambas as redações estão em constante comunicação através da produção de informação. Jornalistas, produtores, editores de imagem, repórteres de imagem, equipa técnica, estafetas e coordenadores coexistem no mesmo espaço, à semelhança do espaço generalizado de produção noticiosa descrito por Canelas et al. (2017). Dentro da redação da SIC existem cinco pólos relevantes para a produção de informação: a *Newsdesk*, centro logístico e o local de trabalho dos produtores de informação; a *Central News*, o centro das operações técnicas de receção e emissão, bem como o braço direito da produção de informação; o espaço dos jornalistas, que redigem as peças que irão preencher o alinhamento dos jornais; o espaço dos coordenadores, que estão encarregues por determinadas edições e cuja função é garantir a ordem e qualidade das peças a serem transmitidas; e o espaço dos repórteres de imagem, que acompanham os jornalistas nos

[9] Cf. Anexo II.
[10] De realçar que a direção é composta por jornalistas, com carteira profissional, à exceção do CEO do grupo Impresa.

diversos serviços e são responsáveis pela imagem, dimensão fundamental do jornalismo televisivo.

A comunicação entre os diversos pólos da redação é efetuada através dos telefones ou dos intercomunicadores, que "moram" na *Newsdesk*. Existem ligações diretas para a *Central News*, as régies de vídeo, o setor da continuidade da emissão (que opera 24 horas por dia), a Assembleia da República, os Line Producers[11], as régies de áudio, etc. Estas ligações permitem que os produtores de informação estejam em contacto contínuo e rápido com coordenadores e equipa técnica.

A redação organiza-se mediante o alinhamento da SIC e da SIC Notícias. Há um grupo de jornalistas alocados ao Primeiro Jornal, assim como existe um produtor associado ao PJ, que vai alternando semanalmente. Dentro da SIC Notícias, existe uma divisão conforme blocos de horário que cobrem as várias edições do alinhamento:

Edição	**Bloco Horário**
Edição da Manhã	6h-10h
SIC Notícias Manhã	10h-13h
PJ / Jornal SIC Notícias	13h-15h
SIC Notícias Direto	15h-17h
Jogo/Mercado Aberto	17h-18h
Jornal do Dia	18h-20h
Jornal da Noite (JN), por norma simultâneo	20h-21h
Edição da Noite	21h-00h
1ª Página e Jornal da Meia-Noite	00h-2h

Tabela 1. Edições da Emissão da Informação da SIC e da SIC Notícias

[11] *Line producers*, na SIC, são a função que se encarrega pela uniformização da edição em emissão. Estão na régie durante o telejornal e têm de escrever frases e oráculos (quando não são feitos de antemão pelos jornalistas ou pela *Newsdesk*), colocar a mosca (a marca de água que identifica a SIC e a SIC Notícias), entre outros.

O coordenador e o produtor de informação têm uma relação muito próxima e fundamental para o bom funcionamento dos jornais. Para além da comunicação que tem de, obrigatoriamente, ser clara e assertiva, o produtor tem de seguir de perto o alinhamento do telejornal, garantindo, prevendo e acautelando as necessidades logísticas da coordenação, cuja função principal é a coordenação editorial da edição em questão. Desde construir todo o alinhamento e dar saída e entradas de peças, bem como assinalar quando se vai para intervalo, o coordenador depende largamente do produtor, no que diz respeito às entradas e saídas de convidados e na agilização dos diretos, por exemplo. Deparamo-nos, mais uma vez, com um ponto divergente do modelo de produção americano e europeu, no qual estas funções logísticas são realizadas por um assistente de produção, enquanto o produtor acarreta responsabilidades editoriais (as do coordenador)[12]. Na redação da SIC e da SIC Notícias, o coordenador é, em última análise, um jornalista, enquanto os produtores, podendo ter formação na área, não empenham funções primariamente jornalísticas ou necessitam de ter carteira profissional.

Durante a emissão do telejornal, estabelece-se um fluxo de comunicação entre a *Newsdesk* (onde está o produtor de informação) e a Régie (onde estão coordenadores, realizadores e *line producers*). Segundo Gomes (2012), a Régie é um espaço socialmente fechado que "não aceita por princípio a presença de estranhos" (p. 70), o *backstage* ou *backregion* (Goffman, citado por Gomes, 2012). A Régie acaba por ser um *backstage* da própria redação, ela própria já o local onde a audiência não está e, por isso mesmo, também um *backstage* do telejornal. De ressalvar, no entanto, a "exclusividade" da Régie: enquanto a redação é frequentemente visitada por "observadores ocasionais" (Gomes, 2012, p. 71), a Régie apenas permite o pessoal necessário e com autorização para estar presente no momento de emissão do telejornal.

2.3. A função: produção de informação

Na SIC, a produção de informação surge como uma função "facilitadora"[13]. As particularidades e características desta função são diferentes consoante o órgão de comunicação em que estamos. Apesar de semelhantes, a produção de informação na CMTV

[12] Adams, 2007, Silcock, 2002, Becker & Vlad, 2008, Tunstall, 1993.
[13] Termo corrente da equipa.

ou na TVI, por exemplo, será diferente daquela que existe na SIC, uma vez que cada canal tem os seus processos diferentes.

2.3.1. Produtor de informação, produtor editorial

Com a criação da SIC Notícias, em 2001, deram-se mudanças substanciais na organização da produção de informação da SIC. Antes disso, existiam produtores de informação, mas que não integravam uma equipa; não existia o espaço físico da *Newsdesk,* segundo Vanessa Rocha. Eram produtores individuais atribuídos às diversas editorias e funções, distanciados e desconexos, em comparação com o panorama atual. Com a SIC Notícias, criou-se a posição de produtor editorial e, progressivamente, foi-se consolidando a produção de informação enquanto um núcleo fundamental da redação, com um polo físico – a *Newsdesk*. Alguns dos produtores migraram para a produção editorial eventualmente e, atualmente, já são contratadas diretamente pessoas para a posição editorial.

A produção de informação e a produção editorial são os dois tipos de produção da redação da SIC Notícias. São distintos e integrados por equipas diferentes, mas cujas fronteiras se tendem a diluir. É importante, consequentemente, distinguir estas duas funções e as responsabilidades que cada uma acarreta. Com a criação desta posição, o produtor editorial passou a ter um papel central na criação e no desenvolvimento da emissão. Estão a par da atualidade, em comunicação com a Agenda, reúnem frequentemente entre si e com a Direção de Informação para combinar diretos com os vários correspondentes e para selecionar e convidar especialistas ou comentadores, dependendo dos vários temas dos noticiários. Há, desde logo, uma grande diferença no foro do trabalho de ambas as produções: a produção editorial é mais jornalística e, apesar de também não existir obrigatoriedade de possuir carteira de jornalista, muitos produtores optam por ter, uma vez que facilita a consulta de processos, tribunais, etc.

Surge, logo nesta diferenciação uma grande zona de sombra: os produtores editoriais adquirem uma posição editorial e, consequentemente, profílmica, ao possuírem a responsabilidade de marcar diretos e organizá-los nas emissões, bem como operarem escolhas relativamente aos convidados que irão enriquecer a emissão ao vir a estúdio. Tendo uma posição tão central na programação televisiva, não deveria ser obrigatória a atribuição de carteira jornalística? É certo que não redigem peças nem têm autoridade para o fazer, mas numa altura em que o mecanismo do direto e a utilização de comentadores em estúdio

ocupa grande parte do noticiário da SIC Notícias (e, em determinados casos, da SIC generalista), não terão os produtores editoriais uma responsabilidade deontológica idêntica à dos jornalistas? Simultaneamente, também Vanessa Rocha insiste que a produção deveria ter carteira jornalística, por questões de "respeito" e "trabalho" (cf. Anexo II). Não tendo funções tão marcadamente editoriais como a produção editorial, grande parte do trabalho de produção que engloba a função opera numa região de sombra: não possuem carteira de jornalista, mas operam sob um panorama jornalístico na qual têm grandes responsabilidades de construção de ponto de vista.

2.3.2. Responsabilidades

Como a divisão entre produções, a produção de informação ficou encarregada de funções de assistência logística e mediação técnica, com outras responsabilidades:

1. Acompanhamento de convidados;
2. Revisão de peças;
3. Gravação de Programas;
4. Comunicação entre departamentos;
5. Acompanhamento de Alinhamentos;
6. Monitorização de Agências Noticiosas;
7. Adaptação às várias edições noticiosas;
8. Marcação de viagens e pedidos de acreditação;
9. "Montar"[14] o ficheiro da meteorologia;
10. Produção de peças;
11. Reuniões de Planeamento;
12. Produção de podcasts a partir de programas da SIC Notícias;
13. Marcação de diretos e passagem de retornos.

A produção de informação na SIC é uma função que requer competências técnicas e sociais. Se, por um lado, grande parte da função engloba tarefas sociais e de assistência, como acompanhar convidados, marcar viagens e contactar com os vários departamentos,

[14] Montagem surge aqui num sentido meramente técnico, em oposição a uma montagem cinematográfica enquanto produtora de sentido. O produtor de informação não cria nenhum ponto de vista ativamente na montagem deste ficheiro, limitando-se a substituir os quadros meteorológicos num template pré-feito pela DI.

por outro, é exigido à *Newsdesk* que saiba operar *softwares* como o ENPS (*Electronic News Production System*[15]), software da Associated Press através do qual se tem acesso aos diversos alinhamentos da programação da SIC e aos planeamentos diários, ou como o *Proxy Editor*/HIVE[16], através do qual se monta o ficheiro da meteorologia, revê peças e produz os ficheiros de áudio dos podcasts. O processo de marcação de diretos e passagem de retornos envolve também uma forte parte técnica, que requer alguma aprendizagem.

O dia de um produtor de informação começa sempre da mesma forma: há um ritmo quotidiano de preparação para o trabalho. O produtor chega, no início do seu turno, e abre três *softwares* distintos: o Outlook, o ENPS e o HIVE. No Outlook, o produtor situa-se com os e-mails que recebeu quando esteve fora, dando conta de recados que possam ter sido deixados. No ENPS, abre cinco folhas distintas[17]: a folha de satélites, onde estão marcados todos os meios e externos[18] do material que será gravado durante o dia; a folha do *planning*, onde estão nomeados os serviços existentes, bem como os jornalistas, repórteres de imagem e meios de diretos atribuídos; o *master* do dia, onde estão todas as peças, *promos* e títulos do noticiário; o alinhamento da SIC Notícias, que alterna conforme a hora do bloco noticioso; e o alinhamento da SIC, relevante para o acompanhamento do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite. No HIVE, o produtor cria uma *timeline* na qual irá trabalhar durante o dia, seja para fazer a meteorologia, registar peças de correspondentes ou importar material do banco das Agências Noticiosas, entre outras. Quando estes passos são tomados, o produtor está pronto para entrar no ritmo frenético da redação.

Para além do trabalho de "secretária", o produtor é responsável pela produção de peças. Esta produção pode ser feita de forma espontânea[19], com a consulta de serviços que estejam marcados na Agenda da SIC, ou organizada, através das reuniões de planeamento. Gomes (2012) chama-lhes "conferências de redação" (p. 119) e caracteriza-as como o

[15] Segundo Gomes (2012), também a RTP tem acesso a este *software*, que possui "as valências mais desejadas de um coordenador: acesso a todos os alinhamentos de todos os programas de informação (...) para além de uma agenda de contactos internos e externos" (p. 120)

[16] O nome deriva de *Media Backbone HIVE* e é um sistema de produção e colaboração noticiosa multiplataformas, onde os utilizadores podem aceder e gerir os conteúdos importados (imagem, áudio e peças multimédia). (SONY, n.d.)

[17] cf Anexos IV-VII.

[18] Externos são a ligação *Central News*-Régie. São monitores aos quais correspondem sinais de vídeo e áudio provenientes da Central News e que permitem que a régie coloque no ar diretos ou outro tipo de imagens.

[19] Muitas das vezes, os jornalistas já têm as peças encaminhadas antes de a fazer, porque o produtor já se deu ao trabalho de detalhar o quê, onde e com quem (cf. Anexo II).

"momento privilegiado da definição editorial de cada edição" (p. 119), em que se envolvem os responsáveis de todos os setores que diretamente têm mão no produto jornalístico.

Atualmente, existem três reuniões importantes no trabalho do produtor de informação. A reunião do dia, a reunião do dia seguinte e a reunião do fim de semana. De forma geral, estas reuniões são tidas em conjunto com os diretores de informação, os coordenadores do PJ e do JN, o coordenador dos Repórteres de Imagem e um produtor de informação. Durante o meu estágio, assisti a uma reunião de planeamento de fim de semana.

Sentados à frente de computadores, as indicações saltam de um ponto para o outro e discutem-se possíveis temas a cobrir. O fim de semana que se aproxima aparenta ser complicado, com poucos jornalistas em piquete e vários serviços marcados na Agenda. O produtor de informação sabe que correspondentes estão disponíveis e aqueles que estão de folga, bem como a constituição das equipas da redação e os coordenadores de cada edição. São as eleições internas do PS. Os resultados viriam a saber-se no domingo, dia 17 de dezembro, e até lá era premente que se fizessem diretos sobre a antecipação. O produtor apresenta a constituição da equipa. As chefias discutem quem é a melhor opção para aguentar os diretos da manhã. Como a jornalista escolhida estava noutro bloco horário, fazem-se trocas que o produtor tem de comunicar posteriormente. Para outro serviço, a jurisdição em questão não tem correspondente ativo, que está de folga. É-lhe pedido que abdique deste dia de folga para ir cobrir o acontecimento. Ao fim de algumas conversas e insistências, o jornalista colabora. Após a reunião de planeamento, o produtor marca serviços e contacta os jornalistas para os colocar a par.

Sempre que é marcado um serviço que envolva comparecer num evento, jogo ou espaço que careça de autorização, o produtor de informação tem a responsabilidade de contactar as entidades competentes e indicar o nome do jornalista, pedindo acreditação ou autorização para realizar diretos. A logística dos diretos é uma das tarefas mais importantes da função. Por vezes, os serviços decorrem fora de Portugal continental (*e.g.* jogos da Liga Europa, reportagens nos Açores, etc.). Nestes casos, para além das autorizações e acreditações, o produtor de informação tem de arranjar alojamento, verificar orçamentos, reunir a lista de material a ser levada, os respetivos seguros e Carnet Ata[20], requerer o desbloqueamento dos telemóveis e agilizar questões de *roaming*.

[20] Documento alfandegário internacional fundamental à entrada de mercadorias no estrangeiro.

Na *Newsdesk*, existem diversos ecrãs, nos quais são transmitidos sinais de material em direto da SIC ou das agências noticiosas: APTN, Reuters e ENEX. O produtor serve de ponte para os testes de material que têm de ser efetuados dez minutos antes do direto com a *Central News*. Existem quatro tipos de meios de direto: a LIVE U, mais recente e mais rápida, a 3G, menos rápida e eficiente, o CODEC, meio fixo em determinadas localizações de direto frequentes, como o Palácio de Belém, e a MOBILE, associada a um carro de exteriores[21]. Alguns destes meios de direto, como as LIVE Us que estão com os correspondentes estrangeiros, não têm retorno[22] automático: o produtor tem de fazer, independentemente, uma ligação técnica entre o telefone do jornalista e a *Newsdesk*, de forma que o jornalista consiga ouvir a emissão e comunicar com os coordenadores. É uma tarefa que exige agilidade e destreza, pois sempre que se trata de diretos, o tempo está contra o produtor.

Imagine-se o seguinte cenário: são três da tarde. O alinhamento prevê um direto de um correspondente estrangeiro às três e meia. O produtor de informação faz uma nota mental de que tem de ligar ao correspondente pelas três e vinte, para ter margem suficiente para conseguir estabelecer o direto com alguma antecedência, mas não demasiada, porque as baterias dos meios de direto precisam de ser poupadas. Apesar desta nota mental, o produtor tem de continuar a acompanhar o alinhamento: pode dar-se o caso de existir um exclusivo que altera a ordem das peças, ou um convidado em estúdio que demora mais do que o suposto, ou uma peça que "cai" e o correspondente tem de entrar mais cedo. Caso o direto aconteça como previsto, quando chegam as três e vinte, se o correspondente ainda não tiver ligado autonomamente para a *Newsdesk*, o produtor contacta-o. Quando atende, a resposta é automática, "Podemos fazer testes?". A chamada é depois transferida para a *Central News*, que testa sincronismos, qualidade de imagem e quantidade de *frames* por segundo (para garantir que o direto não vai "congelar" no ar). Assim que está testado, o produtor passa o retorno: opera a conexão entre a régie e o telemóvel do correspondente através de um painel de botões, alocando o direto a um externo que permita retorno manual (do 1 ao 5). Quando o correspondente atende o telemóvel e se confirma que ouve a emissão, a Régie de Áudio testa o som. Quando estes passos estão dados, o direto está

[21] Antes da criação da SIC Notícias, só existia o carro de exteriores, pelo que os coordenadores tinham de combinar entre si a prioridade dos diretos.
[22] A capacidade de o correspondente ouvir a emissão e comunicar com a *Newsdesk* e a Régie.

pronto para ir para o ar. No cenário mais frequente de existir mais do que um direto ou existirem impossibilidades técnicas que impliquem que o correspondente só se consiga ligar perto da hora de entrada, o produtor vê-se aflito para garantir que o direto está pronto a tempo. Surge a importância da comunicação e do trabalho de equipa: agilizar quem trata de que direto, comunicar ao coordenador que o direto pode não estar pronto a tempo, etc.

2.4. As repercussões do ciberataque

Era 2 de janeiro de 2022 e Portugal acordou com a notícia de que os *sites* do Grupo IMPRESA tinham sido alvos de um ciberataque. A resposta por parte do grupo foi imediata: foram desenvolvidas "diversas ações para minimizar os seus efeitos" (Expresso, 2022, para. 1) e estabelecida uma colaboração com a Polícia Judiciária e Centro Nacional de Cibersegurança. No artigo partilhado pelo Expresso, o Grupo IMPRESA demoraria tempo para repor a "normalidade de todas as operações" (Expresso, 2022, para. 7) e requereria um "esforço extraordinário para tentar colmatar as dificuldades técnicas impostas" (Expresso, 2022, para. 3).

O período de readaptação da redação da SIC nos meses que se seguiram ao ciberataque foi um de *stress* e grandes exigências, técnicas e psicológicas[23]. A redação deixou de ter telefones, pelo que a extensão móvel da produção de informação tocava com maior frequência: tornou-se numa verdadeira central telefónica. A *Newsdesk* possuía uma única conta de email, partilhada entre todos os elementos da equipa, o que, de início, gerou uma desorganização ao nível das responsabilidades de cada um.

Os jornalistas deixaram de ter acesso ao ENPS e ao HIVE e as peças chegavam até à *Newsdesk* e à edição através de *flashdrives*. As peças demoravam a carregar e não podiam ser feitas em simultâneo. O sistema não conseguia suportar tantas peças, pelo que o número destas reduziu e iniciou-se uma dependência no direto e nos convidados, cuja frequência de ida a estúdio aumentou exponencialmente. Para além do trabalho já exacerbado do produtor de informação, aumentou também a frequência de acompanhamento de convidados. A "hora de ponta" do PJ e do JN não se comparavam à de atualmente; com as peças a serem feitas em cima do jornal e a terem de ser descarregadas por *flashdrive*, a luta contra o tempo era constante.

[23] Cf. Anexo II.

Foram precisos cinco meses para a redação voltar à normalidade, mas algumas adaptações mantiveram-se. Deixou de se utilizar o método de transferência por FTP (*File Transfer Protocol*), com o qual os correspondentes tinham acesso ao HIVE, e as peças exteriores à redação física começaram a chegar à *Newsdesk* por *WeTransfer.* É o produtor de informação que se responsabiliza por rever a peça e registá-la, para ir para o ar.

Atualmente, as funções retomaram à normalidade, mas o produtor ficou com responsabilidades que antes não lhe correspondiam diretamente, tal como este registo das peças. O número de convidados diminuiu, mas continua a existir uma alta dependência destes (especialmente dos comentadores SIC) e do mecanismo do direto, ambas funções que são responsabilidade da produção de informação.

2.5. As audiências

Bourdon & Méadel (2011) definem a quantificação das audiências enquanto um mecanismo técnico-cultural que produz *ratings* de forma mais ou menos eficaz para a indústria televisiva. Existem dois fatores de medição das audiências, por norma, considerados: o *share* e o *rating*. Eduardo Torres (2004) define *share* como a "percentagem do tempo que é dedicado por cada indivíduo do alvo a visionar um canal/evento relativamente ao tempo total dedicado a ver televisão para o mesmo período" (p. 1014). Já o *rating* é o "número médio de indivíduos do universo presente na audiência do evento/canal ou canais" (Torres, 2004, p. 1014).

As audiências acompanham os canais de televisão desde a formação dos mesmos. Sofrem flutuações e os canais competem pelo lugar de canal mais visto de um determinado país. Em Portugal, após 36 anos de monopólio das audiências por parte da RTP, desde 1992 que os canais de televisão generalistas se moldam pelas audiências e procuram alcançar o lugar privilegiado. Para melhor compreender a influência que as audiências têm na televisão portuguesa atualmente e, em especial, na SIC, é importante compreender a história das audiências na televisão portuguesa.

> Constatamos que, entre os anos 1992 e 2007, se verificou em Portugal a chegada da SIC à liderança das audiências em 1995, pouco tempo depois de começar a emitir, conquistando o lugar que pertencia à RTP1, posição que o operador privado viria, no

> entanto, a perder para a TVI alguns anos mais tarde, primeiro no horário nobre (2000-2001) e depois em moldes absolutos (2005). (Sobral, 2012, p. 150)

O "clima concorrencial" (Sobral, 2012, p. 149) prolonga-se durante a primeira década dos anos 2000 e as grelhas de programação têm de fazer escolhas com vista à rentabilização. O "padrão SIC" e o "padrão TVI" (Gomes, 2012, p. 85) competem pelo primeiro lugar, a SIC com um investimento na "informação-democratização da opinião pública e na diversidade e originalidade dos formatos" (Obercom Research Report, 2006, citado por Gomes, 2012, p. 84) e a TVI com uma aposta na ficção televisiva e na "saturação do *prime time* com *infotainment*" (Gomes, 2012, p.84). Segundo Sobral (2012), a concorrência verifica-se primeiramente entre os operadores privados e a RTP1, a única televisão estatal. Atualmente, embora a SIC e a TVI compitam pelo topo, verifica-se ainda uma cumplicidade entre estes canais privados. As chefias de informação comunicam entre si e cedem sinais (diretos ou imagens), mediante acordo e creditação, de forma gratuita. Já com a RTP, são realizadas transações e tanto a SIC como a RTP são ágeis na cobrança de material com direitos utilizado pela outra estação televisiva.

Na SIC, as audiências são prioridade. Diariamente, é enviado à Informação um documento estatístico referente às audiências da SIC Notícias e da SIC generalista do dia anterior. Um dia em que o Jornal da Noite é o programa mais visto da noite, atrás de conteúdos da TVI ou da RTP, é considerado uma vitória e louvado na equipa. As audiências da SIC Notícias comparam os canais informativos entre si: a RTP3, a CNN e a CMTV. É feita uma catalogação dos principais programas do dia, conforme o *rating* em percentagem e a audiência média, ordenando-os de forma decrescente. As audiências da SIC dividem-se em dois: o *top* do dia, que considera os quinze programas mais vistos do dia, o canal que o emitiu e o *rating* e o *share* de cada programa, para efeitos comparativos. Depois, o *Top* Canais, que ordena decrescentemente todos os canais generalistas e informativos com base nos fatores de medição de audiência.

Até janeiro de 2024, a SIC era líder de audiências há 60 meses. Em fevereiro, as audiências revelaram que a nova líder era a TVI, retomando o lugar que perdera em 2019 (SIC Notícias, 2023). Numa era de contínua fragmentação de audiências e crescente oferta televisiva, a curadoria dos programas em transmissão é de enorme importância. Quando as audiências estão sob fogo cruzado, a margem para erros é mínima. Os telespectadores estão

atentos e qualquer erro que passe para a televisão é rapidamente apanhado e denunciado à redação. A responsabilidade de revisão de peças, então, é uma de grande importância. Situações em que peças vão para o ar com erros são ocasionais, mas afetam diretamente os resultados dos noticiários.

Veja-se o caso do jornalista que registou uma peça com cerca de minuto e meio de negro. A peça está a passar em direto, os intervenientes estão a falar e, subitamente, a imagem e o som cortam para uma tela negra, que se prolonga durante momentos, até o coordenador daquela edição retirar a peça do ar e seguir com o jornal. Deixar uma tela negra em direto é quase considerado um pecado capital no mercado televisivo. Neste caso, a produção de informação não reviu a peça, uma vez que se tratava de um jornalista "da casa", que regista as próprias peças. No entanto, a *Newsdesk* não sai sempre isenta de erros crassos: chega uma peça de uma correspondente de Bruxelas, que tem de ser revista e cortada pela produção de informação. A produtora que está encarregue distrai-se, ou há um erro no *software*, e corta a parte final da peça, deixando-a a meio. Não repara, a peça vai para o ar. A reação do coordenador é imediata: a peça está a passar no Jornal da Noite, em *prime time*, e a margem para erros é ainda menor; o erro é "inadmissível".

3. Estágio na SIC

3.1. Tipos de Produção

O produtor de informação opera em registos de intervenção distintos consoante o seu tipo de produção. No que diz respeito ao género e ao formato, encontramos, na programação da SIC, programas de informação cultural, informação desportiva, informação política e informação diária. Relativamente ao espaço, podemos classificar a produção informativa como sendo de exteriores ou de redação, por sua vez dividida em produção de régie ou de *Newsdesk*. Quando se trata de produção de exteriores (no caso de congressos, jogos ao vivo, festivais de música, etc.), o produtor adquire um poder de decisão que, na produção de redação, não parece possuir, possuindo, antes, um poder de sugestão editorial.

3.1.1. Produção de informação diária

Proporcionalmente ao alinhamento da SIC Notícias, a produção de informação organiza-se em turnos e blocos horários que permitem a cobertura em direto da programação da SIC Notícias, do Primeiro Jornal e do Jornal da Noite. No decorrer do meu estágio, passei por todos os turnos da *Newsdesk*, que se sumarizam da seguinte forma:

Edição da Manhã (6h30-12h30): O produtor da edição da manhã é quem "abre" a *Newsdesk*. A primeira emissão do jornal da SIC Notícias tem início às 7h da manhã, pelo que o produtor é responsável por garantir que a redação está pronta para a emissão. São poucos os presentes a esta hora, uma mão cheia de jornalistas, um coordenador e uma pessoa na *Central News*, a operar a parte técnica. Há uma meteorologia a ser feita às 6h da manhã, a primeira do dia, e testes que têm de ser feitos com a Renascença, que tem uma rubrica no início do jornal. O produtor tem a responsabilidade acrescida de atribuir os vários diretos (que existem em grande número de manhã) a externos, para poderem ser utilizados e colocados no ar na régie. Como existem mais diretos do que externos para lhes atribuir, frequentemente, é necessário atribuir dois diretos a um mesmo externo e ir alternando entre o que está no ar e o que não está.

Turnos de dia: Estes turnos têm flexibilidade horária. São, por exemplo, os turnos das 8h-16h, 9h-17h, 10h-18h, 11h-19h, 12-20h, 14h-21h e 15h-23h. As tarefas que competem a

este turno são genéricas, no sentido em que não há especificidades, ao contrário dos restantes turnos. As tarefas deste turno variam entre as treze anteriormente mencionadas, podendo existir um ritmo mais ou menos frenético dependendo da programação do dia e de quaisquer eventos que possam ocorrer.

Noite (18h-2h): O produtor que faz noite está encarregue de fechar a *Newsdesk*, ficando na redação até ao fecho da emissão em direto, que varia entre a 1h e as 2h. À semelhança da Edição da Manhã, a redação conta com poucos elementos, entre jornalistas, coordenadores, produtores e pessoal da *Central News*. A maior responsabilidade do produtor deste turno é a preparação dos programas ou rubricas e a consequente montagem dos ficheiros áudio para os podcasts do Expresso. Estes programas alternam diariamente e são os seguintes: Linhas Vermelhas (segunda e quarta), As Causas (terça), Antes pelo Contrário (terça), Negócios da Semana (quarta), Eixo do Mal (quinta), Expresso da Meia Noite (sexta), Leste Oeste (domingo) e Luís Marques Mendes (domingo). Quando os programas, exibidos em direto e em formato de debate no estúdio da SIC Notícias, saem do ar, o produtor recorre ao HIVE ou ao WildMoka[24] para cortar o áudio, dando o *in* e o *out*, e enviam o ficheiro para o Expresso, para posterior publicação. Para além disso, é necessário cortar também o PGM (versão do programa pronta para ir para o ar, com grafismos, oráculos e frases) e o *Clean Feed* (CFD, versão do programa *clean*, sem grafismos, oráculos e frases) para ser guardado no arquivo. Por volta da meia-noite, existe também uma meteorologia que tem de ser feita.

Fim-de-Semana: Por norma, durante o fim de semana, existem quatro produtores que cobrem o dia, alternando turnos para garantir que há sempre alguém na *Newsdesk*. É considerado uma "quase folga coletiva" (Gomes, 2012, p. 161), pelo alívio de fluxo informativo, tanto na SIC Notícias como na SIC generalista. Claro que tal depende do tipo de eventos que decorrem no fim de semana e da exclusividade ou notoriedade dos mesmos. Por norma, o coordenador do PJ coordena também o JN e, na SIC Notícias, existem quatro coordenadores, um por cada bloco horário (7h-11h, 11h-16h, 16h-20h, 20h-01h30). Para a produção, o turno de fim-de-semana assemelha-se ao turno diário, com a diferença de o produtor trabalhar sozinho uma grande parte do tempo, tendo uma maior carga de responsabilidades em cima de si.

[24] *Software* de áudio implementado na *Newsdesk* em novembro de 2023, que permite cortar áudios de forma mais direta e rápida.

3.1.1. Produção de Cultura

A cultura tem vindo a ter um lugar cada vez menos proeminente nos noticiários de televisão. O jornalismo cultural, segundo Sobreira (2019), é, em Portugal, uma área desvalorizada: "é vista como algo «descartável» quando comparada com outras questões" (p. 47), políticas ou económicas, por exemplo. Por norma, os coordenadores recorrem a uma ou duas peças de cultura para "fechar" os noticiários, dando origem a uma resposta quase pavloviana para com os espectadores, que já esperam o fecho do jornal quando se deparam com uma peça de cultura. Atualmente, a informação da SIC aposta num único programa de cultura, o *Todas As Artes*, que é pré-gravado, com duração de 50 minutos, e que ocupa o lugar "nobre" da madrugada de sexta-feira na SIC Notícias. Para além do *Todas As Artes*, existe um *Todas As Artes Mini*, que tem cerca de quatro minutos e passa durante o fim de semana.

O *Todas As Artes* surgiu em maio de 2023 para substituir o *Cartaz* (SIC Notícias, 2023). É um programa em parceria com a Sociedade Portuguesa de Autores, que contém reportagens, entrevistas, mostra de videoclipes e termina com um facto ou curiosidade cultural. Tive a oportunidade de acompanhar dois episódios do *Todas As Artes*, desde a sua pré-produção até à sua pós-produção. O produtor de informação constrói o alinhamento do programa, articulando-se com os jornalistas e com o coordenador da editoria de cultura. Além disso, é responsável por construir blocos de imagens e encontrar ilustrações para os variados pivôs, que são posteriormente tratadas pelo Grafismo. Durante a gravação do programa, o produtor acompanha-o na régie, anotando falsos inícios, coordenando entradas de oráculos e grafismos, bem como as entradas e saídas dos convidados.

Existe uma economia de tempo presente na gravação dos programas. No caso do *Todas As Artes*, na mesma reserva de estúdio gravam-se o *Todas As Artes* e o *Mini*. O estúdio é reservado para um programa durante um tempo determinado e é necessário que tudo seja agilizado para a gravação não se prolongar e ter de se remarcar estúdio para finalizar algo que fique em falta. Como, por norma, a gravação do *Todas As Artes* é feita no dia anterior à sua exibição, é imperativo que tudo corra dentro do horário programado. É o produtor que o garante.

Após o programa, o produtor corta o PGM e o CFD do programa, que são enviados para a Emissão e para o Online, para depois serem colocados no *site* e na programação da

SIC Notícias. As várias peças do programa são também cortadas individualmente e colocadas no *site*. Quando o jornalista não pode, é o produtor quem escreve o texto que aparecerá a acompanhar a peça no *site*.

3.1.2. Produção de Desporto

A produção de desporto na SIC Notícias tem duas vertentes: a produção do segmento *Jogo/Mercado Aberto*, por norma, todos os dias úteis das 17h às 18h, e a produção de jogos da Liga Europa ou de outras ligas relevantes. Durante o meu estágio, presenciei a produção de jogos da Liga Europa, embora à distância, e acompanhei diariamente o *Jogo/Mercado Aberto*.

O *Jogo/Mercado Aberto* trata-se de um segmento noticioso com pivô e coordenação distinta do restante alinhamento da SIC Notícias. Possui um modelo de debate, em que três ou quatro comentadores são convidados para discutir assuntos recentes do mundo maioritariamente futebolístico, nacional e internacional. É emitido no Estúdio 1, em direto. A produção deste segmento não tem grandes responsabilidades acrescidas e é muito semelhante aos restantes blocos noticiosos. Por vezes, é mesmo considerado o "bloco morto" da *Newsdesk*, uma vez que os convidados são mantidos ao longo do bloco inteiro (comentadores desportivos que já "conhecem os cantos à casa", o produtor apenas tem de garantir que estes têm água e estão prontos a horas, apesar de os próprios comentadores já serem autónomos). Os diretos são raros, e a preparação do estúdio é efetuada antes do segmento começar. Quando se conjuga o *Jogo Aberto* com a Liga Europa, aí o cenário intensifica-se.

Durante a Liga Europa, o intercomunicador da *Newsdesk* é adaptado para ter uma ligação direta ao estádio e o produtor de desporto está constantemente em contacto com a *Newsdesk*, o que permite, por exemplo, agilizar diretos que possam existir. É enviado, no início do dia, uma lista dos diretos e meios que serão mobilizados. Especialmente em jogos entre dois dos três "grandes" (SL Benfica, Sporting CP e FC Porto), existe uma pletora de material bruto a chegar à redação: desde o caminho dos autocarros, à chegada ao estádio e até aos diretos antes e depois do jogo, os externos da *Newsdesk* são monopolizados por futebol.

3.1.3. Produção de Política

Durante o meu estágio na SIC, tive oportunidade de acompanhar o processo de produção do *Programa Cujo Nome Estamos Legalmente Impedidos de Dizer* (doravante referido como PCNELID). Este programa, anteriormente conhecido por *Governo Sombra*, tem uma produção semanal, sendo exibido todas as sextas-feiras à meia-noite, na SIC Notícias, e posteriormente disponibilizado em formato *podcast* no site do Expresso e da SIC Notícias. É moderado por Carlos Vaz Marques e tem como convidados permanentes Ricardo Araújo Pereira, Pedro Mexia e João Miguel Tavares. Tem um formato de "talk-show" em que os participantes debatem os mais variados temas da política atual.

Tal como o *Todas as Artes*, a gravação do PCNELID decorre no Estúdio 3 e é monitorizada na Régie 2. Antes da gravação, o produtor recebe os convidados e disponibiliza águas no estúdio. Confirma com a Continuidade da SIC Notícias o tempo exato da gravação, uma vez que existem blocos com durações específicas para a inserção dos diversos programas: se o programa se alongar ou for muito curto, existem repercussões a nível da restante programação da SIC Notícias.

Na régie, o produtor coordena-se com o realizador, a supervisão de imagem, a pessoa encarregada pelo teleponto, os *line producers*, etc. Normalmente, não existe um coordenador na gravação destes programas, pelo que o produtor adquire um papel mais ativo. O realizador está em constante comunicação com os assistentes de estúdio e os operadores de câmara. O produtor cronometra o programa, indicando de dez em dez minutos o tempo ao moderador, confirma os pivôs escritos à priori e acompanha o guião. Neste programa, existem grafismos, ficheiros multimédia ou momentos-chave de reação, como interrupções, que estão previstos no guião. O produtor alerta a realização destes momentos, para a realização poder antecipar quais os planos e quais os convidados que quer no ar nessa altura-chave.

A produção do programa, à semelhança do *Todas As Artes*, tem montagem em direto: o realizador vai alternando entre as câmaras e a escala dos planos, instruindo os operadores de câmara para procederem a determinadas alterações enquanto a gravação do programa decorre. Após o término do programa, a ilha de edição verifica o programa e efetua alterações que ache necessárias.

O PCNELID tem algumas particularidades que são da responsabilidade do produtor: o moderador pede que os pivôs no teleponto estejam em maiúsculas para melhor legibilidade, é necessário escrever frases e oráculos e fazer blocos de imagens para "pintar"[25] determinados segmentos.

Para além deste programa, acompanhei também a produção do *Guerra Fria*, um segmento do JN. Por norma, o produtor encarregado da produção do Jornal da Noite responsabiliza-se por fazer a preparação do programa de debate entre José Milhazes e Nuno Rogeiro sobre o conflito russo-ucraniano. Uma vez que a gravação do *Guerra Fria* é feita em direto do estúdio da SIC Notícias, o produtor já não acompanha o programa da régie. As suas funções, neste caso, são de preparação do programa, agilizando grafismos, montando o alinhamento com os textos dos pivôs enviados pelos convidados, criando blocos de imagens, etc.

Para além dos programas (PCNELID, Guerra Fria) e as rubricas de política[26], como o Negócios da Semana, Antes Pelo Contrário, Expresso da Meia-Noite, etc., o produtor de informação encarregado de produzir política participa em processos de montagem de eventos políticos. É o caso do congresso do PS, por exemplo, que deu origem a uma edição especial na SIC Notícias com diretos e um estúdio com pivô dentro do congresso. Durante os dias anteriores à emissão, o produtor esteve fisicamente no local a preparar a produção televisiva que iria decorrer nos dias seguintes. É nesses tipos de eventos que o produtor encarna uma função de coordenação[27], aproximando-se à figura de produtor que vemos na bibliografia norte-americana e europeia e no género cinematográfico.

3.2. Casos Práticos

3.2.1. Produção à "beira de guerra"

O início do meu estágio (outubro de 2023) na redação da SIC e da SIC Notícias foi pautado pelo pico da guerra Hamas-Israel, que tinha eclodido na semana anterior. O

[25] Gíria televisiva que significa preencher a notícia com imagens genéricas sobre o tema.
[26] Importante a distinção de programa e rubrica neste relatório: o programa trata-se de um segmento que é gravado de antemão, que, por norma, tem um alinhamento detalhado e um guião, enquanto a rubrica decorre, por norma, em direto, e inclui-se na edição das 21h-23h, não tendo um guião programado e tendo pouca intervenção da produção. O Guerra Fria é classificado, neste relatório, como programa pela pré-produção extensa que tem, apesar de ser gravado em direto.
[27] Cf. Anexo II.

ambiente na *Newsdesk* rapidamente adquiriu novos contornos. Reorganizaram-se os turnos para garantir a cobertura da invasão da faixa de Gaza, caso ela ocorresse. Se os turnos da Noite decorriam até às duas da manhã, durante duas semanas, a equipa disponibilizou-se para trabalhar até às cinco ou às seis. As reuniões da produção com as chefias tornaram-se também mais longas e o ambiente geral da redação mais tenso. A pressão de fazer sair conteúdo e fazê-lo sair antes das outras estações noticiosas, pressão essa já habitualmente presente, fazia-se sentir com maior intensidade.

Os diretos também vinham com mais frequência, especialmente os do jornalista Henrique Cymmerman, que desde o início cobria a guerra diretamente de Israel, e os da jornalista Clara Ferreira Alves, feitos via Skype ou Zoom, também de Israel. As agências noticiosas Reuters e APTN, cujas imagens a SIC Notícias utiliza frequentemente nas suas peças ou para "pintar" os seus diretos, passavam também imagens predominantemente de Israel e de Gaza.

No dia 27 de outubro, Israel começa a invadir a faixa de Gaza. A noite faz-se longa: convidados vêm à última hora e em grande número. Henrique Cymmerman, a fonte direta da SIC em Israel, estaria de férias e sem meios para fazer direto. Após conversas privadas, chega-se a um consenso: Cymmerman fará um direto via Skype em que dará ao espectador, em primeira mão, a situação em Israel. As chefias da produção de informação sondam a equipa para saber quem poderá reforçar a noite. A equipa é rápida a disponibilizar-se e a manter-se alerta, mesmo os que estão de folga; podem ser chamados a qualquer altura para trabalhar. O trabalho de produção continua: o fluxo *Newsdesk/Central News* segue sem obstáculos, a produção oferece apoio aos jornalistas que precisam de bancos de imagens ou de registar novas peças, segue-se o alinhamento para se prever com antecedência que convidados entrarão em estúdio e a que horas.

3.2.2. A "Hora de Ponta" do Primeiro Jornal e a antecipação do Jornal da Noite

O Primeiro Jornal e o Jornal da Noite são os grandes blocos noticiosos da SIC. O PJ é, por norma, apresentado por Bento Rodrigues, e o JN apresentado por Rodrigo Guedes de Carvalho ou por Clara de Sousa. A coordenação alterna semanalmente: o Primeiro Jornal entre André Antunes e Luís Manso e o Jornal da Noite entre Luís Marçal e Reinaldo Serrano.

Apesar de serem ambos os únicos blocos informativos que passam na SIC generalista, e de os mecanismos por detrás da sua produção serem semelhantes, o ambiente na redação é significativamente diferente quando se trata de um e quando se trata de outro.

O Primeiro Jornal evoca uma "hora de ponta" na redação. Os jornalistas apressam-se para terem as suas peças prontas, a maioria atribuídas apenas horas antes, e a produção começa a libertar externos para os diretos que terá. A "hora de ponta" intensifica-se com a ausência de simultâneo do Jornal na SIC e na SIC Notícias. Enquanto, durante o Jornal da Noite, a norma é existir simultâneo[28], no PJ, entre as 13h e as 15h existem dois noticiários distintos. A produção, então, tem de dividir as suas atenções entre a SIC e a SIC Notícias.

No decorrer do meu estágio, por norma, existia uma pessoa da equipa alocada somente ao PJ: encarrega-se de recolher as peças dos correspondentes e registá-las no *master,* comunica com o coordenador e inteira-se do estado das peças do alinhamento, pressionando os jornalistas quando a hora de ir para o ar se aproxima. Desta forma, o trabalho da *Newsdesk* é aliviado, permitindo um desdobramento mais eficaz entre o Primeiro Jornal e o noticiário da SIC Notícias. Por vezes, esse alívio não existia e era responsabilidade da *Newsdesk* dividir atenções. Cada Primeiro Jornal é diferente e o modo de agir perante determinadas situações também varia, conforme o dia e a equipa em questão.

No dia 16 de outubro, por exemplo, uma peça de uma jornalista do Porto não ficou pronta a tempo de entrar no PJ. A *Newsdesk* contactou a produção do Porto, para saber o ponto de situação. Mediante a resposta, o coordenador do PJ faz escolhas: se embarga[29], se baixa no alinhamento ou se descarta por completo a peça. Há escolhas constantes e abruptas a serem feitas ao longo do Jornal. No dia 19 de outubro, em que o tema principal do dia era as tempestades e o mau tempo no país, dá-se outro caso: um jornalista recusa-se a continuar com os diretos, por impossibilidade climática, enquanto outro se queixa dos tempos de espera entre a ligação do material de direto e a hora do direto – os minutos são mais longos e, com as alterações constantes aos alinhamentos, os diretos atrasam e os jornalistas permanecem no meio do mau tempo. A produção surge como gestor de conflito.

[28] O noticiário que passa na SIC generalista passa também, ao mesmo tempo, na SIC Notícias.
[29] O embargo de uma peça significa que a peça fica em *standby* até ao próximo PJ, não podendo ser utilizada pela SIC Notícias.

O coordenador tem de fazer escolhas difíceis em momentos de intensidades altas e a produção tem de facilitar essas escolhas.

A sobreposição de um noticiário da SIC Notícias e o PJ obrigam a uma gestão de diretos: frequentemente, a coordenadora da SIC Notícias e o coordenador do PJ querem o mesmo direto com minutos de distância. Se a SIC Notícias quer um direto às 12h55 e o PJ quer o mesmo direto à cabeça[30] do Jornal, a produção tem de estar pronta e alerta para trocar os retornos dos diretos e garantir que estes estão prontos a tempo. A luta surge contra o tempo e os intercomunicadores das régies batalham pelo direto.

Com o Jornal da Noite, que, à partida, por ser em horário nobre, tem uma maior responsabilidade, o cenário simplifica-se. Existe sempre um membro da *Newsdesk* alocado à produção do JN, o que permite que, com a ausência de um noticiário independente na SIC Notícias, a equipa esteja mais folgada e mais atenta ao alinhamento. Porém, a responsabilidade do Jornal da Noite parece ser superior à do Primeiro Jornal. É o Jornal da Noite que concorre pelo topo das audiências, com o Jornal Nacional, da TVI, e o Telejornal, da RTP. O coordenador do Jornal da Noite tem uma grande responsabilidade em cima dos ombros: para além de alinhar as peças que vão passar no Jornal, tem de planear em que momento insere o intervalo, de forma a prender a atenção do telespectador o máximo possível. O produtor de informação tem, então, a responsabilidade acrescida de garantir que tudo corre sem erros ou percalços.

3.2.3. O "festival do direto"

O "festival do direto" é o nome bandeira que a *Newsdesk* utiliza para referir os blocos noticiosos em que há uma frequência elevada de diretos. É o caso das manhãs da SIC Notícias e do bloco das 15h-17h da tarde. Nos últimos anos, com a emergência dos canais de informação 24h e a fragmentação das audiências, incorre-se numa banalização do direto (Traqueia, 2014, p. 37). É cada vez mais utilizado pelos coordenadores para ocupar minutos no ar e é subentendido que a informação em direto traz mais espectadores: "é a forma mais rápida de preencher a emissão" (Traqueia, 2014, p. 37). Estamos perante uma sobreutilização do direto, que se traduz numa sobrecarga do produtor de informação.

[30] Conjunto de peças que abrem o jornal, não sendo necessariamente o direto que abre a emissão.

As condições necessárias para ter um direto no ar são várias: o jornalista e o repórter de imagem precisam de estar prontos a testar com a *Central News* dez minutos antes do direto, a Central só consegue testar um direto de cada vez, o jornalista precisa de ter retorno, que pode ser automático ou passado pela *Newsdesk*, e a Régie de Áudio precisa de validar a qualidade do som.

Para além da responsabilidade de passar um único direto, existe uma tendência crescente na redação da SIC Notícias de fazer 3Way: três diretos que vão para o ar em simultâneo. A pivô introduz a temática (por exemplo, o mau tempo) ao mesmo tempo que existe o sinal de três diretos distintos a ser transmitido em *live view*. Por vezes, pode existir 4Way ou até 5Way. Que implicações tem este modelo de transmissão em direto para o produtor de informação? Tendo em conta as condições necessárias para gerar o direto, forma-se um ambiente de alta tensão nos momentos antes do direto ir para o ar. A Central só tem meios para testar um sinal de cada vez, o que significa que os outros jornalistas ficam em fila de espera. Nos casos em que as condições climatéricas não colaboram, por exemplo, isso implica um período em que o jornalista está em más condições. Os coordenadores, por vezes, exigem os diretos em cima da hora, e o produtor incorre numa luta contra o tempo de ter tudo pronto no ar, sob pena de prejudicar o alinhamento. Às vezes, o tempo entre pôr um sinal no ar e a última peça que passa no ar antes do direto é mínimo. Não adianta o jornalista preparar-se com maior antecedência quando os meios de transmissão de direto precisam de poupar bateria, ou o local em que a transmissão ocorre tem más condições.

Considerações Finais

A televisão é um *medium* em constante evolução, mediante fatores tecnológicos, sociais, culturais, económicos e políticos, cujas potencialidades totais ainda não foram descobertas (Shuster, 2017, Canelas et al., 2017, Oliveira et al., 2004). Engloba diversos géneros, que surgem como uma promessa do programador para o espectador (Jost, 1998), mas também para os profissionais. Nesse sentido, a produção televisiva assume características distintas mediante o género que produz, bem como a estação televisiva em que opera.

A SIC apresenta-se como uma estação televisiva privada e competitiva, que tem as suas próprias características e processos, e que é muito diferente do que era quando surgiu em 1992. Paralelamente com o fluxo dos tempos, as televisões apresentam extensas ramificações em canal aberto, com uma multiplicidade de canais que se destinam a um perfil específico de espectadores. Simultaneamente, ramificam-se nos novos *media*, tanto através da criação de plataformas *streaming* como através da aposta na presença digital das marcas televisivas. A SIC compete com as outras estações televisivas para apelar a um inevitável novo perfil de espectador, que, por um lado, é atento e crítico, e, por outro, é apático e desinteressado. O mercado televisivo saturou-se com a oferta de ecrãs e formatos que se tentam adaptar e apelar a um novo perfil e modo de consumo.

A mudança de espaço físico da redação estabeleceu uma nova organização da redação e dos seus processos. Deixou de existir uma zona centralizada para a *Newsdesk*, que passou a estar a um canto e a produção editorial ficou ao pé da direção de informação. O próprio espaço parece incentivar à criação de zonas de sombra e interseção. Aliada a esta mudança de espaço físico, também o ciberataque obrigou a uma readaptação dos processos implementados.

Esta nova televisão origina novos processos e uma hibridização de modelos em prática. Verificamos um modelo da construção de programação televisiva que se serve de um catálogo jornalístico para estabelecer o fluxo da emissão. Estamos perante uma organização noticiosa que se apoia na banalização do direto e no sobreuso de comentadores. Isto obriga-nos a repensar e a questionar os tipos de fluxo televisuais existentes. Talvez já não teremos realmente um registo puramente afílmico, e sim algo híbrido. Uma vez que o direto é, naturalmente, utilizado sob determinadas linhas editoriais,

e com a utilização cada vez mais frequente de «falsos diretos», poderemos até pensar no único exemplo real deste registo afílmico como o "última hora", uma vez que até os diretos são organizados e planeados com uma antecedência que os faz parecer recair num registo de organização de um ponto de vista.

É no seio desta televisão e desta SIC em constante transformação e sob pressão comercial que o produtor se revela como o centro da redação. É um verdadeiro operador de interfaces, estabelecendo a conexão entre dois polos, agilizando e mediando os processos entre eles. Opera a interface entre o exterior e o interior, através da comunicação com os jornalistas, estabelecendo diretos e ligações que permitem que os sinais dos jornalistas cheguem à régie. Opera, portanto, a interface entre a tecnologia e o discurso, possuindo o conhecimento de processos tecnológicos que permitem a sua disseminação. Opera a conexão entre o jornalista e a régie, bem como entre o jornalista e o espectador, a um nível social. Opera ainda as fronteiras do género, conseguindo adaptar-se mediante o género que produz e o meio da sua produção. Alterna entre possuir um poder de decisão editorial e um poder de sugestão editorial, revelando-se um especialista do género. Não tem um papel direto na criação de um ponto de vista, mas age indiretamente, por meio de mediação de interfaces, no profílmico.

Se estamos perante uma massificação de informação, que é disseminada num fluxo "oceânico", parece autopropor-se que o controlo do acesso à informação é, agora, dependente, principalmente, pela tecnologia. Se Adelino Gomes definiu o coordenador como a figura do mítico *gatekeeper*, como a figura que tem a autoridade e o poder editorial para decidir que informação chega às mãos dos espectadores, então o produtor de informação parece adquirir contornos de um possível *gatekeeper* dos processos. Com a emergência de uma nova televisão e a dependência da disseminação da informação na tecnologia, será interessante refletir sobre uma redefinição (ou, até, uma nova forma de *gatekeeping*) do cargo de *gatekeeper*, que, talvez, esteja agora relacionado com aqueles que sabem operar a tecnologia.

O problema do reconhecimento da função, tanto academicamente como na prática, é uma questão incontornável. A coordenação editorial é atribuída a jornalistas, o coordenador televisivo, ou a produtores editoriais. Aos produtores de informação, delegam-se funções técnico-sociais, de facilitação e mediação. De forma geral, quando comparada com outros tipos de produção, parece existir, no seio da redação, uma tendência

de subalternização do produtor, que se parece alterar conforme o tipo da produção. Porém, é importante ressaltar a ausência dessa experiência no decorrer do meu estágio, sem a qual não posso desenvolver este papel mais editorial da produção de informação.

O produtor é um gestor de conflito e o "faz-tudo" da redação, o que origina uma zona ambígua entre o produtor e o assistente de produção, entre o produtor e o jornalista, e entre o produtor de informação e o editorial. Com a consciência de que o produtor opera em zonas de sombra, onde confluem todos os intervenientes do produto noticioso, por vezes recaem-lhe responsabilidades jornalísticas: de pré-produção de peças, de escrita de artigos com base em peças de cultura para o site, entre outros. O produtor está presente em todas as etapas da produção televisiva e, mesmo assim, só recentemente se começou a falar de creditar o produtor no website, por exemplo. É, portanto, fundamental conseguir discernir as várias funções e estabelecer os seus limites de interseção.

Tratando-se de uma função implicitamente jornalística, não fosse pela sua inserção num meio exclusivamente jornalístico, questionam-se zonas de sombra como a da carteira jornalística, por exemplo, que demonstra não só aquilo que parece ser uma "luta recorrente" da função (cf. Anexo II), como um ponto de reflexão relativamente ao papel da produção dentro da máquina de informação televisiva.

O meio televisivo é um de profunda imprevisibilidade. Assim, é fundamental que, uma vez que não conseguimos ter controlo absoluto sobre o produto, se controlem e maximizem os processos. Compreender as funções que estão ao encargo da produção de informação e os processos que estão implementados para as fazer acontecer permite-nos não só estudar a televisão enquanto *medium,* como os produtos que dela derivam. Ainda, uma vez que a tecnologia controla e determina o discurso de forma incontornável, é fundamental compreender as funções que sabem operar essa interface. É através dessa compreensão que poderemos acompanhar a sociedade tecnológica em que vivemos, que evolui a passos cada vez mais largos.

Referências bibliográficas

Adams, T. (2007). Producers, Directors and Horizontal Communication in Television News Production. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, *51*(2), 337-354. https://doi.org/10.1080/08838150701305032

Becker, L. B., & Vlad, T. (2008). News Organizations and Routines. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch (Eds.), *The Handbook of Journalism Studies* (1st ed., pp. 59-73). Routledge. https://doi.org/10.4324/9780203877685

Bourdon, J., & Méadel, C. (2011). Inside television audience measurement: Deconstructing the ratings machine. *Media Culture & Society*, *33*(5), 791-800. https://doi.org/10.1177/0163443711404739

Câmara de Comércio. (s.d.). *Carnet ATA - Docs. Exportação*. CCIp. Retrieved March 13, 2024, from https://www.ccip.pt/pt/o-que-fazemos/docs-exportacao/carnet-ata

Canelas, C., Abreu, J. F. d., & Godinho, J. (2017). A produção, difusão e recepção de conteúdos telejornalísticos. *ANIMUS - Revista Interamericana de Comunicação Mediática*, *16*(31), 22-37. RUN.UNL. https://doi.org/10.5902/2175497720343

CCPJ - Comissão da Carteira Profissional de Jornalista. (n.d.). CCPJ. Retrieved March 25, 2024, from https://www.ccpj.pt/

Expresso. (2022, January 5). O ataque ao Expresso e à SIC: 11 esclarecimentos aos nossos leitores e espectadores. *Expresso*. https://expresso.pt/sociedade/2022-01-05-o-ataque-ao-expresso-e-a-sic-11-esclarecimentos-aos-nossos-leitores-e-espectadores

Ferreira, B. (2021, January 8). Há 20 anos surgia a SIC Notícias, o primeiro canal de informação nacional. *Espalha-Factos*. https://espalhafactos.com/2021/01/08/20-anos-sic-noticias/

Gomes, A. (2012). *Nos Bastidores dos Telejornais: RTP1, SIC e TVI.* Tinta-da-China.

Jost, F. (1998). The Promise of Genres. *Réseaux. The French journal of communication*, *6*, 99-121. https://doi.org/10.3406/reso.1998.3339

Musburger, R. B., & Kindem, G. (2004). The Production Process: Analog and Digital Technologies. In *Introduction to Media Production: The Path to Digital Media Production* (4ª ed., pp. 33-70). Elsevier. https://doi.org/10.4324/9780080509310

Observador. (2015, July 22). RTP Informação vai chamar-se RTP3 – Observador. *Observador*. https://observador.pt/2015/07/22/rtp-informacao-vai-chamar-rtp3/

Oliveira, J. M. p. d., Cardoso, G., & Barreiros, J. J. (2004). Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação: Internet, Interfaces do Social. In *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação* (pp. 10-20). BonD - Books on Demand. https://www.researchgate.net/publication/301788950_Comunicacao_Cultura_e_Tecnologias_de_Informacao

Owens, J. (2019). *Television Production* (17th ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9780429027581

Santos, R. (2012). 20 anos de televisão comercial. *JJ - Jornalismo e Jornalistas*, *49*, 18-23.

Shuster, M. (2017). *New Television: The Aesthetics and Politics of a Genre*. University of Chicago Press. https://doi.org/10.7208/9780226504001

SIC Notícias. (2023, May 8). "Todas as Artes" na SIC. *SIC Notícias*. https://sicnoticias.pt/programas/todas-as-artes/2023-05-08-Todas-as-Artes-na-SIC-62bb4fce

SIC Notícias. (2023, November 1). SIC é líder de audiências na televisão portuguesa há 57 meses. *SIC Notícias*. https://sicnoticias.pt/pais/2023-11-01-SIC-e-lider-de-audiencias-na-televisao-portuguesa-ha-57-meses-3c430f4d

Silcock, B. W. (2002). Global News, National Stories: Producers as Mythmakers at Germany's Deutsche Welle Television. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, *79*(2), 339-352. https://doi.org/10.1177/107769900207900206

Sobral, F. (2012). Televisão em Contexto Português: uma abordagem histórica e prospetiva. *Millenium*, *42*, 143-159. http://hdl.handle.net/10400.14/1966

Sobreira, V. (2019). *A cobertura do cinema no programa "Cartaz" da SIC* [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH). http://hdl.handle.net/10362/91576

SONY. (n.d.). *Multi-platform news production - Sony Pro*. pro.sony. Retrieved April 3, 2024, from https://pro.sony/en_AL/news-production/newsroom/solutions-media-backbone-hive

Sousa, M. (2011). *O produtor no contexto audiovisual nacional e internacional : desafios e soluções* [Dissertação de mestrado]. Universidade Católica Portuguesa. http://hdl.handle.net/10400.14/8056

Torres, E. C. (2004). Televisão do nós e televisão do eu — a encruzilhada da televisão generalista. *Análise Social*, *38*, 1011-1042. https://www.jstor.org/stable/41011845

Traqueia, F. G. (2014). *"Em Direto". A banalização da transmissão em tempo real na informação da SIC e da SIC Notícias* [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH). http://hdl.handle.net/10362/13725

Tunstall, J. (1993). *Television Producers*. Routledge.

Anexos

Anexo I. Linguagem própria da redação

4Way, 3Way ou **2Way (n.)**: estão no ar, simultaneamente, quatro, três ou dois sinais distintos. Só ocorre um direto de cada vez, mas aparecem os dois sinais inicialmente no ar.

Barcodar (v.) - registar uma peça no servidor de vídeo, associando-o ao ID da sua própria peça. Sem este registo, a peça não consegue ir para o ar.

CFD (abv.): *clean feed*, sem grafismos, sem oráculo, textos, etc.

CI (abv.): conferência de imprensa.

Embargos (n.): peças que são guardadas até ao próximo PJ e ao próximo JN. Por algum motivo, não passaram na edição anterior, mas são mantidas em espera, não podendo ser utilizadas noutros alinhamentos.

FD (abv.): falso direto. O jornalista grava 1 a 2 minutos como se fosse um direto, mas é colocado mais tarde no ar. Passa por direto, mas na verdade foi gravado antes.

Filar (v.): colocar a gravar, guardar no sistema para acesso posterior.

HOST (n.): canais que nos cedem sinais, colocam-se em externos para depois serem picados pela coordenação.

PRT (abv.): Porto.

Picar (v.): quando a coordenação coloca um sinal no ar, sem querer que exista um direto, apenas mostra a imagem e o áudio, não existindo intervenção do jornalista.

PGM (abv.): programa pronto a emitir, com oráculos, grafismos, etc.

Retorno (n.): o jornalista consegue ouvir a *Newsdesk* e a emissão, podendo situar-se no seu direto e comunicar com a coordenação do jornal.

Anexo II. Entrevista a Vanessa Rocha

Vanessa Rocha é Coordenadora Adjunta da Produção de Informação da SIC desde janeiro de 2024. Entrou na SIC em 2002, um ano depois da criação da SIC Notícias e integra a Newsdesk desde então.

Quais são as principais responsabilidades de um produtor de informação?

O produtor de informação faz a ligação entre o exterior e a redação, porque precisa de haver um ponto de ligação entre quem está na rua e a redação, desde os diretos à comunicação com os jornalistas. Muitas vezes, os jornalistas não comunicam com a coordenação diretamente. Acabam por falar com os produtores. E, nesse aspeto, acho que a produção tem essa responsabilidade. Além disso, tem a responsabilidade da organização do plano diário da redação.

Quais são as principais diferenças entre um produtor de informação e um produtor editorial?

O produtor editorial está mais ligado ao conteúdo do dia, aos convidados que podem trazer para a emissão e que a podem enriquecer com os conteúdos do dia. Não se preocupa com a produção diária do dia-a-dia nem com tudo o que envolve meios técnicos e humanos para essa produção diária. Preocupa-se com os conteúdos e com o enriquecimento da grelha diária da emissão. Quando há "últimas horas", são eles os responsáveis por convidar as pessoas para participarem na emissão, para entrarem ao telefone, para virem a estúdio. Nós, no caso da *Newsdesk*, estamos mais ligados à parte de ação de resposta rápida. Eles estão mais ligados a essa produção mais contínua ao longo do dia e da emissão.

Dirias que a produção editorial é mais jornalística?

Para umas questões, sim, tens que estar mais envolvida nos temas diários. Tens que perceber bem e tens que conhecer as pessoas que estão mais ligadas aos temas, para saberes quem é que vais convidar e quem é que são as pessoas mais indicadas para falar de cada tema. Por outro lado, na produção diária, também tens a parte jornalística, quando participas na produção das reportagens. Também tens essa parte jornalística, porque, muitas vezes, quando os jornalistas vão para a rua fazer reportagens, já têm no serviço o que vão fazer, onde é que vão fazer, com quem é que vão falar… já levam muito trabalho da produção de informação. O jornalista tem que fazer esse trabalho localmente, mas, no fundo, já está ali todo desenhado.

Quando entraste na SIC, já existia a Newsdesk enquanto polo físico?

A *Newsdesk* foi uma coisa que se foi criando, já tivemos vários nomes. Já fomos uma zona redonda no meio da redação, que até tinha um degrau. Estávamos até elevados. Aquilo já foi desenhado de várias formas. A produção exige essa ligação com a redação, que é importante. A Newsdesk foi uma coisa que se foi desenhando e que está em constante alteração. Também se vai adaptando às modernidades técnicas.

Sentes que a produção de informação enquanto função é valorizada pelo resto da redação?

Acho que já foi menos. Acho que, antigamente, muitas vezes, a produção era vista como o secretariado da redação. Acho que, sinceramente, hoje em dia há uma noção maior de que, sem a produção, há muita coisa que não funciona. Um dia-a-dia não funciona sem a produção. Porque a produção faz a ligação com as coisas todas. E se não houver a produção para fazer essa interligação, não consegues ter nada a funcionar. Acho que hoje já há mais respeito em relação a isso e mais valorização.

Na produção de informação, parece existir uma tendência de subalternização em relação a outros tipos de produção. Ou seja, noutros perfis de produção, como a produção cinematográfica, por exemplo, o produtor tem um papel mais vincado na hierarquia da equipa e, por norma, tem a palavra final. Mas na informação, não é bem isso que acontece.

É um caminho que tem vindo a ser feito. Já passei por várias fases, por fases em que a produção não se ouvia e fases em que a produção é importante. Eu acho que depende um bocadinho daquilo que estás a fazer, porque, quando vais para um exterior, a produção é o topo. Naquele exterior, está tudo envolto daquilo que tu estás a tratar. E se tu não trataste, aquilo não vai acontecer ou não vai existir. Porque a responsabilidade é tua e há essa perceção, porque as pessoas vão-te procurar para saber como é que as coisas vão ser, como é que vão funcionar. Portanto, se calhar em determinados aspetos da redação, pode não ser ainda valorizada, nesse sentido. Acho que depende do contexto.

Tens Carteira de Jornalista?

Tenho.

Porque é que optaste por ter, sendo que não é obrigatório para os produtores?

Para já, por uma questão de trabalho e de orgulho. Sempre lutei imenso por isso. Os produtores não tinham carteira de jornalista nesta casa. Acho que é uma questão de respeito, precisamente por aquilo que fazemos. E acho que devemos estar "cobertos" com tudo o que engloba a Carteira de Jornalista, seja a que nível for.

Como é que sentiram a passagem do analógico para o digital?

Alterou muito. A maior diferença que nós tivemos foi quando passámos de Carnaxide para aqui [Paço de Arcos], porque mudámos todo o nosso sistema funcional. A redação inteira fez grupos de trabalho. Viemos aqui fazer formações porque o sistema mudou de lá para cá. Foi uma mudança brutal a vários níveis, mesmo a nível diário, com as Live U. É uma mudança muito positiva e, ao contrário do que esperávamos, demorou muito menos tempo até entrarmos no ritmo. Curiosamente, a redação rapidamente começou a trabalhar e as coisas correram bem. Era uma mudança que era necessário fazer. Nós trabalhamos muito com áreas tecnológicas e isto está sempre a mudar muito rápido. É uma profissão que temos que estar sempre a acompanhar o avanço tecnológico, porque se não ficamos mesmo para trás.

E o ataque pirata foi um grande retrocesso…

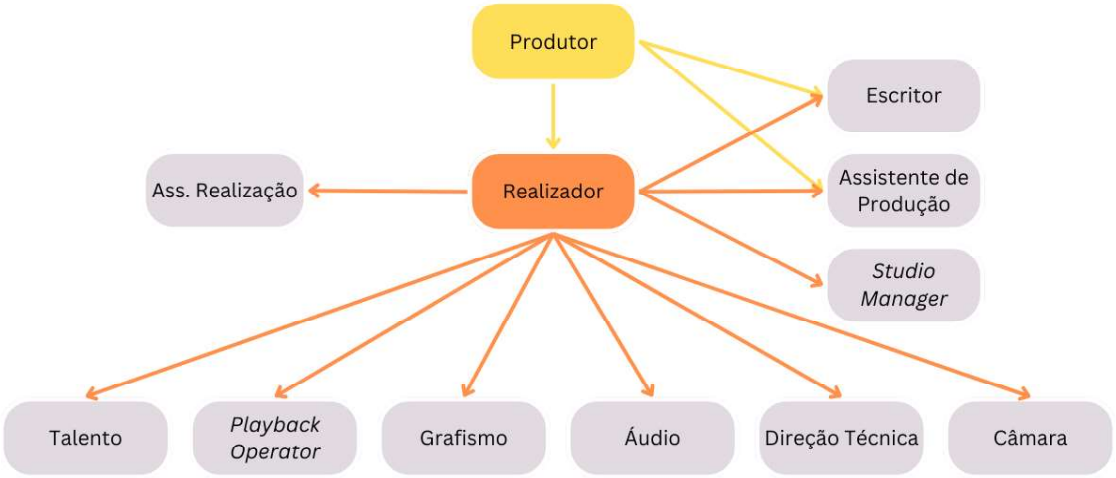
Acho que foi o pior momento profissional das nossas vidas. Foi mesmo muito duro. Tudo indicava que nada ia funcionar e que não íamos conseguir fazer absolutamente nada. Não tínhamos telefones, não tínhamos televisões, não tínhamos nada. É uma imagem que não dá para esquecer, entrar naquela redação e só ter a luz de presença. O resto estava tudo a negro, porque os telefones estavam pretos, os computadores estavam pretos, estava tudo tudo desligado. E tu pensares, não tenho uma impressora, não tenho nada. Não consigo abrir um computador. E, de repente, tiveste pessoas que saíram da redação a correr, entraram nos seus carros, foram buscar os seus portáteis pessoais, foram buscar as suas impressoras pessoais. Montaram impressoras e portáteis pessoais no meio da redação. Fomos comprar *pens* para andar a trabalhar. É engraçado que as pessoas em casa, se calhar 90%, não percebeu sequer o pesadelo que nós vivemos aqui. Nós trabalhávamos com alinhamentos escritos à mão, em papel. Só mostra que somos capazes e somos mesmo capazes. Para mim, isso valeu tudo.

Sentes que a pressão das audiências influencia diretamente a produção de informação?

Não. A produção, não. Acho que, às vezes, levamos um bocadinho por tabela, mas acho que o nosso trabalho em si, não. A nossa responsabilidade acaba por ser diária e acho que não se molda tanto a isso. Nós, no fundo, somos pressionados a que não falhem os diretos diariamente. Acabamos por ter eventos que põem em causa as audiências mensais, mas acho que nós ali não sentimos essa pressão. Objetivamente, acho que sentimos uma pressão mais contínua e não flutuante consoante as audiências.

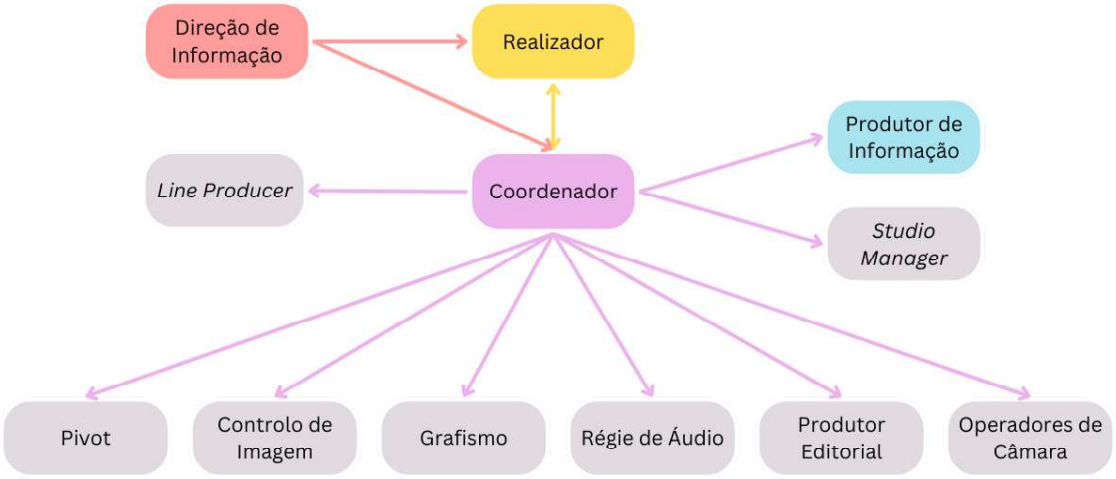
Anexo III. Organização da equipa televisiva: norte-americana vs. na SIC

Diagrama da equipa de produção televisiva norte-americana



i) Diagrama da equipa de produção televisiva norte-americana, segundo Owens, 2019, p. 17.

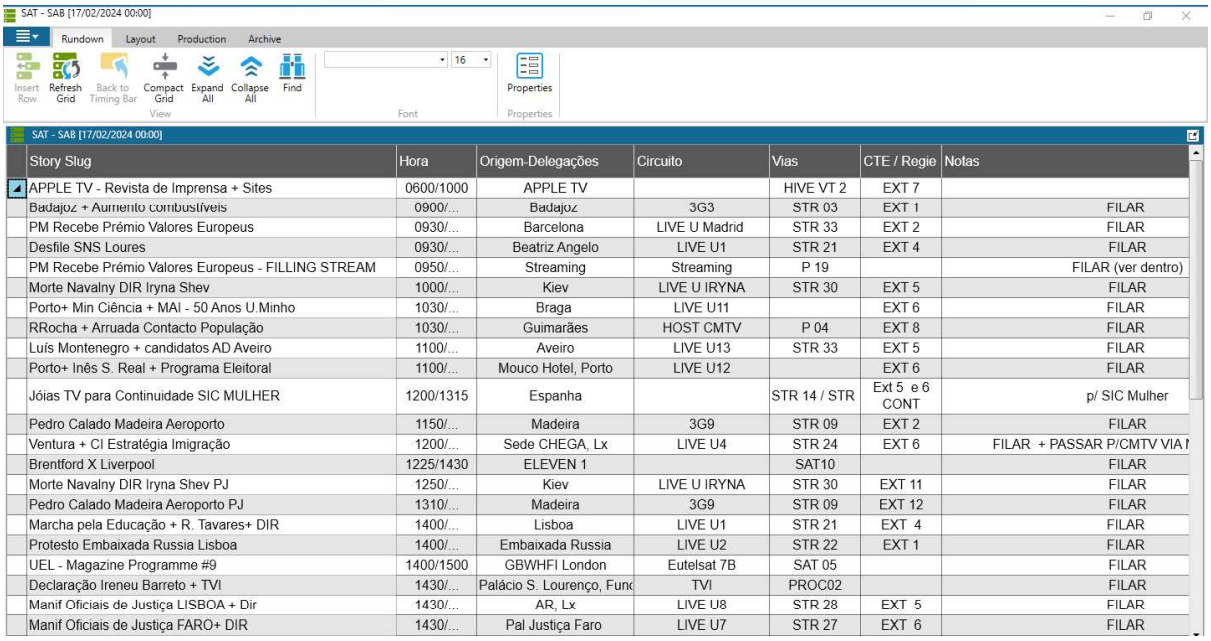
Diagrama da equipa de produção televisiva na SIC



ii) Proposta de diagrama da equipa de produção televisiva na SIC, segundo experiência de estágio.

Anexo IV. Folha de Satélites no ENPS

Lista de material a ser gravado pela Central News, para posterior utilização, com origem (se vem de um canal, qual o local em que o serviço decorre), circuito (qual o meio de direto a ser utilizado), vias (específicas à Central News), externo (CTE, local onde a Régie pode ver o material em direto, e notas (filar, ou seja, gravar para posterior utilização ou canais a quem deveremos enviar o material).

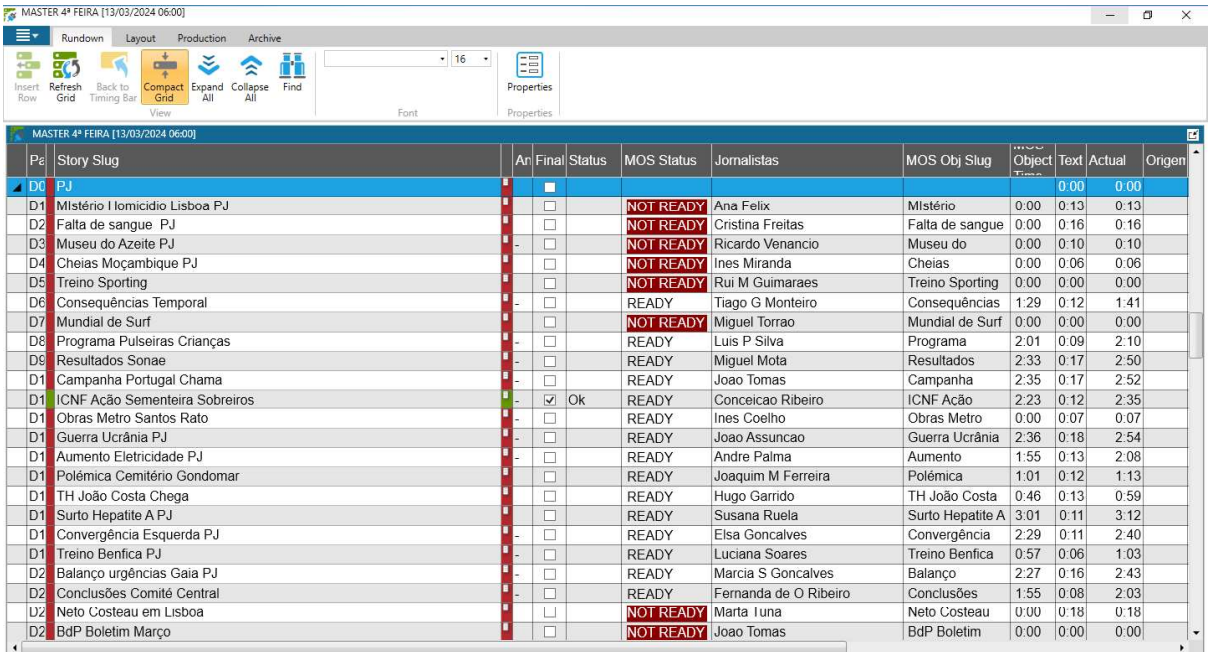


SAT - SAB [17/02/2024 00:00]

Story Slug	Hora	Origem-Delegações	Circuito	Vias	CTE / Regie	Notas
APPLE TV - Revista de Imprensa + Sites	0600/1000	APPLE TV		HIVE VT 2	EXT 7	
Badajoz + Aumento combustíveis	0900/...	Badajoz	3G3	STR 03	EXT 1	FILAR
PM Recebe Prémio Valores Europeus	0930/...	Barcelona	LIVE U Madrid	STR 33	EXT 2	FILAR
Desfile SNS Loures	0930/...	Beatriz Angelo	LIVE U1	STR 21	EXT 4	FILAR
PM Recebe Prémio Valores Europeus - FILLING STREAM	0950/...	Streaming	Streaming	P 19		FILAR (ver dentro)
Morte Navalny DIR Iryna Shev	1000/...	Kiev	LIVE U IRYNA	STR 30	EXT 5	FILAR
Porto+ Min Ciência + MAI - 50 Anos U.Minho	1030/...	Braga	LIVE U11		EXT 6	FILAR
RRocha + Arruada Contacto População	1030/...	Guimarães	HOST CMTV	P 04	EXT 8	FILAR
Luís Montenegro + candidatos AD Aveiro	1100/...	Aveiro	LIVE U13	STR 33	EXT 5	FILAR
Porto+ Inês S. Real + Programa Eleitoral	1100/...	Mouco Hotel, Porto	LIVE U12		EXT 6	FILAR
Jóias TV para Continuidade SIC MULHER	1200/1315	Espanha		STR 14 / STR	Ext 5 e 6 CONT	p/ SIC Mulher
Pedro Calado Madeira Aeroporto	1150/...	Madeira	3G9	STR 09	EXT 2	FILAR
Ventura + CI Estratégia Imigração	1200/...	Sede CHEGA, Lx	LIVE U4	STR 24	EXT 6	FILAR + PASSAR P/CMTV VIA M
Brentford X Liverpool	1225/1430	ELEVEN 1		SAT10		FILAR
Morte Navalny DIR Iryna Shev PJ	1250/...	Kiev	LIVE U IRYNA	STR 30	EXT 11	FILAR
Pedro Calado Madeira Aeroporto PJ	1310/...	Madeira	3G9	STR 09	EXT 12	FILAR
Marcha pela Educação + R. Tavares+ DIR	1400/...	Lisboa	LIVE U1	STR 21	EXT 4	FILAR
Protesto Embaixada Russia Lisboa	1400/...	Embaixada Russia	LIVE U2	STR 22	EXT 1	FILAR
UEL - Magazine Programme #9	1400/1500	GBWHFI London	Eutelsat 7B	SAT 05		FILAR
Declaração Ireneu Barreto + TVI	1430/...	Palácio S. Lourenço, Func	TVI	PROC02		FILAR
Manif Oficiais de Justiça LISBOA + Dir	1430/...	AR, Lx	LIVE U8	STR 28	EXT 5	FILAR
Manif Oficiais de Justiça FARO+ DIR	1430/...	Pal Justiça Faro	LIVE U7	STR 27	EXT 6	FILAR

Anexo V. *Master* no ENPS

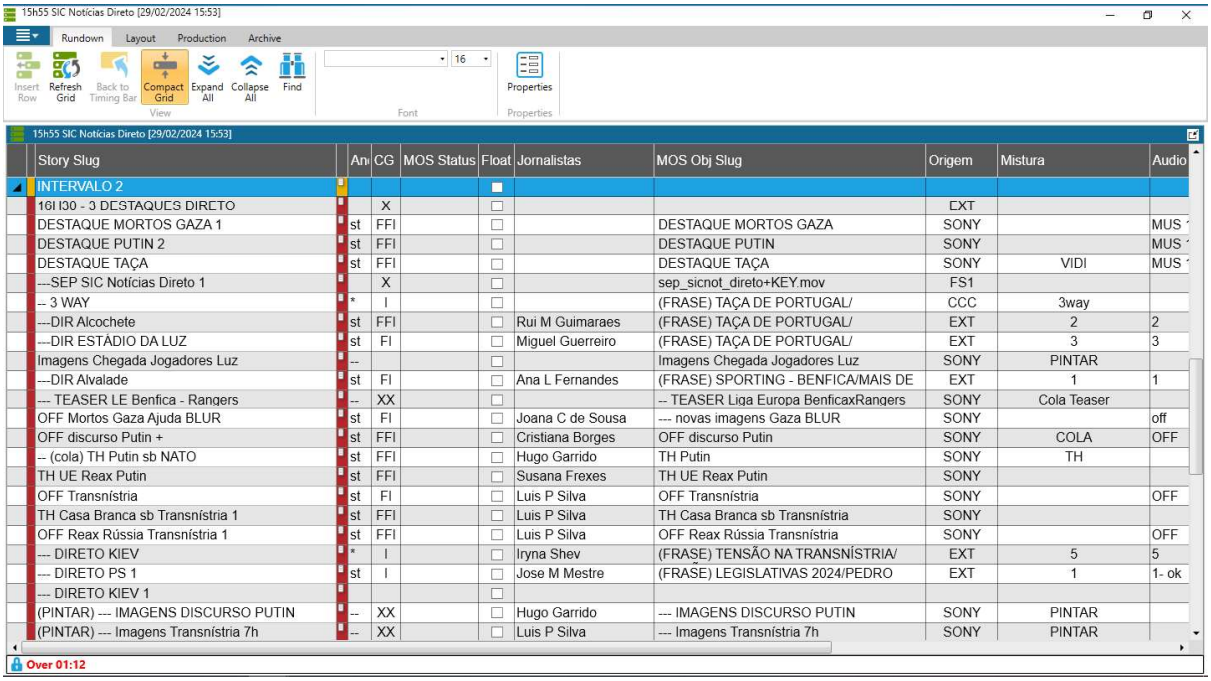
Lista de peças (visíveis, as do Primeiro Jornal) que serão utilizadas na emissão, sem qualquer ordem. Tem um jornalista atribuído, bem como um *MOS status* que se torna Ready quando a peça é registada (barquedada) no HIVE. A sinalização da peça a verde (*e.g.* ICNF Ação Sementeira Sobreiros) diz respeito à existência de frases, oráculos e pivô dentro da peça, que são colocados posteriormente no ar ou lidos pelo pivô do jornal.



Pe	Story Slug	An	Final	Status	MOS Status	Jornalistas	MOS Obj Slug	Object	Text	Actual	Origem
D0	PJ								0:00	0:00	
D1	MIstério I lomicidio Lisboa PJ				NOT READY	Ana Felix	MIstério	0:00	0:13	0:13	
D2	Falta de sangue PJ				NOT READY	Cristina Freitas	Falta de sangue	0:00	0:16	0:16	
D3	Museu do Azeite PJ	-			NOT READY	Ricardo Venancio	Museu do	0:00	0:10	0:10	
D4	Cheias Moçambique PJ				NOT READY	Ines Miranda	Cheias	0:00	0:06	0:06	
D5	Treino Sporting				NOT READY	Rui M Guimaraes	Treino Sporting	0:00	0:00	0:00	
D6	Consequências Temporal	-			READY	Tiago G Monteiro	Consequências	1:29	0:12	1:41	
D7	Mundial de Surf				NOT READY	Miguel Torrao	Mundial de Surf	0:00	0:00	0:00	
D8	Programa Pulseiras Crianças	-			READY	Luis P Silva	Programa	2:01	0:09	2:10	
D9	Resultados Sonae	-			READY	Miguel Mota	Resultados	2:33	0:17	2:50	
D1	Campanha Portugal Chama	-			READY	Joao Tomas	Campanha	2:35	0:17	2:52	
D1	ICNF Ação Sementeira Sobreiros	-	☑	Ok	READY	Conceicao Ribeiro	ICNF Ação	2:23	0:12	2:35	
D1	Obras Metro Santos Rato	-			READY	Ines Coelho	Obras Metro	0:00	0:07	0:07	
D1	Guerra Ucrânia PJ	-			READY	Joao Assuncao	Guerra Ucrânia	2:36	0:18	2:54	
D1	Aumento Eletricidade PJ	-			READY	Andre Palma	Aumento	1:55	0:13	2:08	
D1	Polémica Cemitério Gondomar				READY	Joaquim M Ferreira	Polémica	1:01	0:12	1:13	
D1	TH João Costa Chega				READY	Hugo Garrido	TH João Costa	0:46	0:13	0:59	
D1	Surto Hepatite A PJ				READY	Susana Ruela	Surto Hepatite A	3:01	0:11	3:12	
D1	Convergência Esquerda PJ	-			READY	Elsa Goncalves	Convergência	2:29	0:11	2:40	
D1	Treino Benfica PJ	-			READY	Luciana Soares	Treino Benfica	0:57	0:06	1:03	
D2	Balanço urgências Gaia PJ	-			READY	Marcia S Goncalves	Balanço	2:27	0:16	2:43	
D2	Conclusões Comité Central	-			READY	Fernanda de O Ribeiro	Conclusões	1:55	0:08	2:03	
D2	Neto Costeau em Lisboa				NOT READY	Marta Tuna	Neto Costeau	0:00	0:18	0:18	
D2	BdP Boletim Março				NOT READY	Joao Tomas	BdP Boletim	0:00	0:00	0:00	

Anexo VI. Alinhamento da SIC Notícias no ENPS

Lista ordenada cronologicamente de peças e material de uma determinada edição da emissão. Neste caso, trata-se do alinhamento das 16h da SIC Notícias, que conta com um 3WAY a abrir (diretos do Rui Guimarães, Miguel Guerreiro e Ana Fernandes) e outros três diretos seguidos alguns minutos depois.



Story Slug	An	CG	MOS Status	Float	Jornalistas	MOS Obj Slug	Origem	Mistura	Audio
INTERVALO 2									
16l l30 - 3 DESTAQUES DIRETO		X					EXT		
DESTAQUE MORTOS GAZA 1	st	FFI				DESTAQUE MORTOS GAZA	SONY		MUS
DESTAQUE PUTIN 2	st	FFI				DESTAQUE PUTIN	SONY		MUS
DESTAQUE TAÇA	st	FFI				DESTAQUE TAÇA	SONY	VIDI	MUS
---SEP SIC Notícias Direto 1		X				sep_sicnot_direto+KEY.mov	FS1		
-- 3 WAY	*	I				(FRASE) TAÇA DE PORTUGAL/	CCC	3way	
---DIR Alcochete	st	FFI			Rui M Guimaraes	(FRASE) TAÇA DE PORTUGAL/	EXT	2	2
---DIR ESTÁDIO DA LUZ	st	FI			Miguel Guerreiro	(FRASE) TAÇA DE PORTUGAL/	EXT	3	3
Imagens Chegada Jogadores Luz	--					Imagens Chegada Jogadores Luz	SONY	PINTAR	
---DIR Alvalade	st	FI			Ana L Fernandes	(FRASE) SPORTING - BENFICA/MAIS DE	EXT	1	1
--- TEASER LE Benfica - Rangers	--	XX				-- TEASER Liga Europa BenficaxRangers	SONY	Cola Teaser	
OFF Mortos Gaza Ajuda BLUR	st	FI			Joana C de Sousa	--- novas imagens Gaza BLUR	SONY		off
OFF discurso Putin +	st	FFI			Cristiana Borges	OFF discurso Putin	SONY	COLA	OFF
-- (cola) TH Putin sb NATO	st	FFI			Hugo Garrido	TH Putin	SONY	TH	
TH UE Reax Putin	st	FFI			Susana Frexes	TH UE Reax Putin	SONY		
OFF Transnístria	st	FI			Luis P Silva	OFF Transnístria	SONY		OFF
TH Casa Branca sb Transnístria 1	st	FFI			Luis P Silva	TH Casa Branca sb Transnístria	SONY		
OFF Reax Rússia Transnístria 1	st	FFI			Luis P Silva	OFF Reax Rússia Transnístria	SONY		OFF
--- DIRETO KIEV	*	I			Iryna Shev	(FRASE) TENSÃO NA TRANSNÍSTRIA/	EXT	5	5
--- DIRETO PS 1	st	I			Jose M Mestre	(FRASE) LEGISLATIVAS 2024/PEDRO	EXT	1	1- ok
--- DIRETO KIEV 1									
(PINTAR) --- IMAGENS DISCURSO PUTIN	--	XX			Hugo Garrido	--- IMAGENS DISCURSO PUTIN	SONY	PINTAR	
(PINTAR) --- Imagens Transnístria 7h	--	XX			Luis P Silva	--- Imagens Transnístria 7h	SONY	PINTAR	

Anexo VII. *Planning* no ENPS

Lista de serviços marcados para o dia, com especificação da hora, jornalista, repórter de imagem, produtor e observações (se se trata de um direto, peça do Primeiro Jornal, peça para outro dia, etc.) Este *planning* é efetuado pelo produtor de informação em conjunto com os coordenadores e as chefias, nas reuniões de *planning*.

Story Slug	Object Pla	Hora S	Hora de	Local	Jornalistas	Reporter Img.	SIC	Produçã	Observações	Marc. por
Futuro Hoje Satélites			DIA	Porto	Lourenco Me	Rui do O				JG
Satelires - Futuro Hoje			Dia	Porto	Lourenco Me	Rui do O				
RE Emigrantes			DIA	Coimbra		Ri Freelancer		Ângela	Romeu	AR
Liga Europa: Youg Boys x Sporting (regr			DIA	Suiça	Joao Abreu	Rafael Homem		.	LIVE U6 - Até dia 16	EMA
Peça Amendoeira em Flor			DIA	Guarda	Madalena Fe	Paulo Gabriel			PARA PJ SÁBADO	
- DIRETO CENTRO SAUDE ALGUEIRÃ			06:30	Algueirão Mem-Martins	Sergio H Ale	Ri Freelancer		MP.	LIVE U 1 Ri Rodrigo Rimourinho	JVN
Inflação Preços Peixe		07:30	09:00	Mercado Setubal	Juliana Simo	Alvaro Oliveira		MP.	Peça PJ	AA
Acusação CM Faro			09:00	Faro	Joao Tiago			.	Peça PJ	LG
PRT Cont Julg Marco Orelhas + Filho		07:45	08:30	Trib S João Novo, Porto	Marcia S Go	Carlos P Carva		.	LIVE U 11 a partir das 08:30	CFC
PNS + visita casas Entrecampos			09:30	Entrecampos, Lx	Hugo Madur	Ri Freelancer		.	LIVE U 3 / Ri Rui Violante	CF
PRT Ligue primeiro, salve vidas			09:30	Póvoa de Varzim	Catarina Laz	Jose Vaio		ALB	PEÇA PJ	CFC
Grandes Queimados			10:00	Alcoitão	Ana P Morei	Fernando Silva		.	não é para hoje	LG
Reportagem Idosos de Arouca FDS			10:00	Arouca	Catarina Car	Sem RepImage		.	PEÇA FDS	AA
PRT No Namoro não há Guerra			10:00	Porto, Rua Silva Tapada	Marcia Torre	Luis Dinis		ALB.	PEÇA PJ	CFC
Novas Drogas Portugal FDS (CONT.)			10:00	FCUL	Claudia Mac	Joao Lucio		.	(ver dentro)	AA
INE: Estatísticas Vitais			10:00	Nacional		Sem RepImage		.	PEÇA PJ	AA